



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**



**O CampusLar e suas contribuições com a comunidade de Laranjeiras: uma
defesa da Cultura Popular**

João Victor Ciccone

Laranjeiras - SE

2024

João Victor Ciccone

**O CampusLar e suas contribuições com a comunidade de Laranjeiras: uma
defesa da Cultura Popular**

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao
Departamento de Museologia da Universidade Federal de Sergipe
como requisito básico para conclusão do Bacharelado em Museologia.

Orientadora: Professora Doutora Ana Karina Calmon de Oliveira
Rocha.

Laranjeiras - SE

2024

Ficha Catalográfica

FICHA CATALOGRÁFICA
Obs.: A ficha catalográfica é feita por um profissional da Ciência da Informação (Biblioteconomia). A discente deve procurar a bibliotecária da BICAL quando terminar todo o texto da monografia. Lá irá obter o número/registro CDU.

Ficha de avaliação

Data de Defesa:

Banca Examinadora:

Professora Orientadora

Departamento de Museologia/UFS

Prof. – 1º Leitor (a) crítico (a)

Vínculo

Prof. – 2º Leitor (a) crítico (a)

Vínculo

Dedicatória

Dedico esta obra a cada moradora e morador de Laranjeiras – SE. Esta monografia é uma retribuição respeitosa e carinhosa para vocês que adotam e acolhem cada forasteiro da universidade há mais de 15 anos. Desejo que ela seja uma contribuição válida perante a gigantesca riqueza cultural da cidade e de suas pessoas tão queridas.

Homenageio, também, com esta pesquisa, a memória de Eufrozina Ribeiro Guimarães, nossa professora Zizinha Guimarães e João Silva Franco, conhecido carinhosamente como João Sapateiro, por serem inspirações singulares para minha vivência em Laranjeiras.

Agradecimentos

Agradeço à minha avó Helena Alves Nunes, senhorinha do sítio que nos mostrou o valor da terra, da simplicidade, da força de uma mulher desquitada e agricultora e que, ainda na década de 70, primava pela educação de quatro filhas e três filhos contando os grãos de feijão no prato e empurrando todos para as escolas.

Sou imensamente grato à minha mãe, Clarice Borin Ciccone, que inclusive seguiu a educação como profissão para a vida, sempre aglutinando, entre turnos dando aulas em várias escolas, com a rotina de cuidado com os filhos, nossa educação e o acesso a espaços culturais. Também sou grato à minha irmã Isadora Ciccone e ao meu pai Victor Ciccone Junior, pela paciência nos momentos de descontrole emocional, por serem minhas âncoras de realidade nesse mundo tão surrealista que às vezes vivo.

Agradeço a Thiago Tadeu, compadre de Laranjeiras, meu maior guia de vida pela cidade, do turismo ao afeto. Thiago foi vital para a finalização dessa jornada porque mesmo ciente de cada percalço, de cada angústia, dos amores e dos horrores, continuou sendo meu companheiro de graduação involuntário. Através dele reforço o afeto a cada laranjeirense.

Por fim, é de profunda necessidade de reconhecimento, os esforços das professoras Ana Karina Calmon e Neila Maciel durante toda a formação dos museólogos do CampusLar. O apoio no pátio, as discussões em aula, em reuniões e referências variadas presentes na rotina recebi delas. Agradeço de forma honrosa por terem participado desses momentos, pela maturidade e sabedoria adquirida, pela troca de conversas, etc. Gratidão profunda por “segurarem as pontas” de um campo (área de conhecimento) e de um campus em construção.

Obrigado.

Onde queres mistério, eu sou a luz E
onde queres um canto, o mundo inteiro
Onde queres quaresma, Fevereiro
E onde queres coqueiro, eu sou obus O
quereres e o estares sempre a fim Do que
em mim é de mim tão desigual Faz-me
querer-te bem, querer-te mal Bem a ti,
mal ao queres assim Infinitivamente
pessoal
E eu querendo querer-te sem ter fim E,
querendo-te, aprender o total
Do querer que há e do que não há em mim.

Caetano Emmanuel Viana Teles Veloso

Resumo

A presente monografia reúne as manifestações culturais de Laranjeiras ilustrando as relações existentes entre a universidade e as manifestações culturais no cotidiano da cidade. Através da metodologia de observação participativa, relato as histórias, as expressões culturais, as mestras e mestres de cultura, as instituições que permeiam sua existência e o impacto gerado com a criação do CampusLar da Universidade Federal de Sergipe. Objetivo revisar o desenvolvimento da relação entre a universidade e o polo cultural que é o município de Laranjeiras.

Palavras-chave: Cultura popular; Universidade; Comunidade; Vivências; Laranjeiras - SE.

Abstract

The present dissertation gathers the cultural manifestations of Laranjeiras, illustrating the relationships between the university and cultural expressions in the daily life of the city. Through the participatory observation methodology, I report the stories, cultural expressions, female and male culture masters, and the institutions that shape their existence, as well as the impact generated by the creation of CampusLar at the Federal University of Sergipe. The objective is to review the development of the relationship between the university and the cultural hub that is the municipality of Laranjeiras.

Keywords: Popular culture; University; Community; Experiences; Laranjeiras - SE.

Sumário

<u>INTRODUÇÃO</u>	9
<u>1. GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA: DOS PRECEDENTES AO ENCONTRO</u>	13
<u>2. SISTEMAS DE VALORES, TRADIÇÕES E CRENÇAS</u>	24
<u>3. SOMOS COLETIVO</u>	42
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	53
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	55
<u>ANEXOS</u>	58

Introdução

Laranjeiras é a cidade do Estado de Sergipe considerada berço da cultura sergipana. Também é reconhecida como museu a céu aberto, cidade do folclore, capital das culturas populares, cidade porto, cidade poema, entre outras identificações. Acolhedora e cheia de contos e causos, tem na sua história a característica de receber, pelo vale do Rio Cotinguiba, há mais de 200 anos, pessoas diversas.

Durante todos os anos, em cada mês, manifestações culturais se fazem presentes nas ruas da cidade trazendo ritmo e vida para aqueles que usufruem e vivem essa efervescência cultural e eu conheci o município na ocasião da inserção no Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), afinal, sendo a Capital da Cultura Popular sergipana, Laranjeiras também dispõe de um núcleo de conhecimento, o “Campus das Artes da UFS” ou CampusLar, como carinhosamente nos referimos a esta unidade da UFS

Minha intenção ao vivenciar a cidade, optando em morar nela, parte da compreensão de que devemos valorizar tanto o sistema público de ensino do qual usufruímos, quanto a cidade que irá nos receber. Compreendo que, enquanto alunos, somos investimento do país e devemos não só valorizar o ingresso numa Universidade Federal, mas também criar novas relações de proximidade com a comunidade local.

Entretanto, era inesperada a situação de que o local se apresentaria como uma explosão de vida cultural pulsante, preservada e alimentada por pessoas, artífices e criadores de todo o tipo de artes, fazeres e saberes. Isso foi, certamente, uma grata surpresa.

Entre os anos de 2019 e 2024 a cidade demonstrou, para mim, sua rica diversidade cultural em manifestações, tais como o Samba de Pareia do Quilombo da Mussuca¹ que, de acordo com Alexandra Gouvêa Dumas (2016), em seu documentário retratando a cultura quilombola através da Mestre de cultura popular Nadir Maria dos Santos, pontua que no início da existência do quilombo, a primeira ex escravizada que teve um bebê, em comemoração, os moradores começaram a sambar, sambar de “pareia”.

A dança hoje se caracteriza por quatro pessoas dançando em pares, trocando suas posições, duas para a esquerda, duas para a direita, trocando os pares durante as coreografias,

¹ Território quilombola de Laranjeiras certificado pela Fundação Cultural Palmares (FCP) sob o nº 01420.003078/2005-11.

chama-se samba de pareia justamente por haver essa troca de pares. (Dumas, 2016).

Também vivenciei o Lambe Sujo x Caboclinhos², conheci o Rio Cotinguiba, grutas, terreiros, igrejas, lavouras e pessoas, bem como compreendi que pulsa uma comunidade que exacerba a possibilidade de se vivenciar tudo em apenas poucos anos de graduação.

Por outro lado, no ambiente universitário, percebia a dificuldade de ação prática no dia a dia para trabalhar mais efetivamente esses bens e manifestações que até eram referenciados em trabalhos, em alguns laboratórios, mas quando se falava das pessoas, das mestras, mestres e de seus movimentos sentia que a participação da UFS com as manifestações culturais que moldam a rotina da cidade era superficial.

A fundação do campus da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em Laranjeiras é datada de 2007 e é o resultado do Projeto Monumenta/MinC que é o Programa de Recuperação Patrimonial do Governo Federal. Dessa forma, o Projeto Monumenta, propôs a estratégia que “procura conjugar recuperação e preservação do patrimônio histórico com desenvolvimento econômico e social.” (Monumenta, 2011).

O restauro das edificações de antigos casarões e trapiches em Laranjeiras, possibilitou a aliança com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), instituindo assim, o campus da UFS na cidade como uma forma de incentivar às artes e cultura local e regional.

A instalação da UFS na cidade carrega, dessa forma, um impacto social que uma Universidade gera e, assim, as trocas e relações comunitárias possíveis com alteração de uma rotina consolidada no município são percebidas

De certa forma, é previsto o impacto temporal no ritmo de vida do lugar com a inserção da universidade... Todavia, o impacto maior é certamente o econômico, podendo haver elevação do custo de vida e aquecimento econômico, ainda que, de acordo com o estudo sobre as universidades públicas em cidades médias e pequenas de Wendel Henrique Baumgatner (2015) haja também uma discrepância entre o aproveitamento informal gerado com a presença

² “São dois grupos, num folguedo, ligados numa manifestação guerreira e rítmica. O folguedo se baseia em episódio de destruição dos quilombos. Representa a rivalidade entre negros e índios brasileiros. O Lambe-Sujos é formado por homens e meninos pintados de preto, usando short e gurita vermelha. Formado por Rei, Princesa e a Mãe Suzana, eles saem às ruas tocando pandeiros, cuícas, reco-recos e tamborins. O Caboclinho pinta-se de roxo e traja penas à maneira indígena. O enredo consiste na captura da Rainha dos Caboclinhos pelos Lambe-Sujos. Em sequência, ocorre a batalha com a vitória dos Caboclinhos. Os negros são aprisionados e levados de porta em porta para pedir dinheiro e assim conseguirem a liberdade. A apresentação é sempre marcada pela melação de parte das pessoas presentes.” (Sergipe Cultura e Diversidade, 2010).

universitária e o aproveitamento institucional que um campus pode proporcionar.

Em reflexo a essas possibilidades voláteis, o CampusLar, como pontua a pesquisadora Ana Karina Calmon de Oliveira Rocha (2022), “lamentavelmente, desde a fundação até o presente, não cumpriu a proposta de expandir para incluir”, visto que o “CampusLar experimenta a ausência de investimentos, incentivos e atenção a cultura de modo geral.” (Rocha, 2022, p. 125).

Tendo ciência dessa carência persistente no envolvimento da UFS com Laranjeiras, objetivei traçar, por meio das minhas impressões pessoais, quais fatores levaram a tal situação de descompasso e, como a inserção da Universidade, por meio de um Campus impactou a cidade. Para tanto, me ancoro na observação participante, definida assim por Carlos Rodrigues Brandão:

Participante num duplo sentido. Em primeiro lugar, porque se faz estando pessoalmente no lugar e observando e compreendendo aquilo que está acontecendo, por participar da vida cotidiana das pessoas. [...] E participar em um seguinte sentido também, de que eu me envolvo pessoalmente com o próprio trabalho quando posso. [...] para que esse participar faça com que eu me identifique mais de perto com uma pessoa não deles, mas mais próximo deles, daqueles lavradores que eu pesquisei. Esse é o momento em que eu vejo as coisas acontecendo e anoto. (Brandão, 2007, p. 14).

Esta metodologia possibilitou o uso de diversos mecanismos, fontes de coleta, seleção de dados e documentos, sejam fontes históricas, mídias digitais, redes sociais, documentos institucionais na escala federal, estadual e municipal. Baseado primordialmente pela convivência entre os locais e os universitários, fui aprendendo e registrando seus modos de vida, hábitos, rusgas e orgulhos, suas hierarquias, seus domínios e carências em cadernos de coleta, diários de campo, memórias gravadas e registros fotográficos que uso neste trabalho sempre que compreendo necessário.

A partir da vivência estudantil em Laranjeiras e a acolhida da observação participante como metodologia primária de meus estudos, estabeleci como problema de pesquisa investigar quais relações se formaram entre a universidade e as manifestações culturais no cotidiano laranjeirense. Há participação ou somente apreciação esporádica? Os discentes e docentes atuam diretamente em alguma manifestação?

Dessa forma, no primeiro capítulo trabalharei o contato inicial com Sergipe e Laranjeiras, o vínculo criado com a Universidade Federal de Sergipe através do curso de

Bacharelado em Museologia e o período de aproximação com a Cultura Popular tão ativa aqui.

Posteriormente, no segundo capítulo, demonstrarei como a comunidade laranjeirense e universitária tem agido com a cultura local e como os órgãos governamentais vinculados à cidade e ao CampusLar se responsabilizam ou não pela manutenção destes patrimônios.

No capítulo três, desenvolvo a forma como nos relacionamos com a cidade, as dificuldades de ações, ainda que pouco existentes, os fatores que singularizam a importância de Laranjeiras e das suas manifestações e como a universidade pode agir para fomentar projetos, para cobrar melhores condições de atuação e estreitar laços comunitários com a cidade.

Por fim, nas considerações finais faço uma breve análise do percurso da monografia, o desenvolvimento do texto, novos rumos que foram criados nessa construção árdua que é a escrita acadêmica. Reforço a importância da comunidade do CampusLar para a cidade e da cidade para o Brasil e relato, em tempo presente para não romper o vínculo, como estamos, em coletivo, nos esforçando para incrementar o vínculo com a cidade, seus mestres e demais moradores.

1. Graduação em museologia: dos precedentes ao encontro

Quando o olho brilhou, entendi.
Quando criei asas, voei.
Quando me chamou, eu vim
Quando dei por mim, estava aqui.
Quando lhe achei, me perdi.
Quando vi você, me apaixonei

Chico César

A Museologia não apareceu para mim com a graduação, é uma vivência absorvida desde a infância e maturada com o curso de Museologia da UFS a partir de 2019, ano do meu ingresso. Escolher o patrimônio e cultura como profissão e modo de vida germina em mim com o ensino musical, já que estudo música desde 1999 e leciono piano desde 2011. Reconheço, assim que tive o privilégio de frequentar espaços culturais diversos desde a infância e o primeiro museu que conheci, aos seis anos, foi o Museu Alexandre Chitto, em Lençóis Paulista - SP.

Coincidentemente entre 2016 e 2018 fui contratado para trabalhar neste mesmo museu, selando esse “compromisso com a cultura” através dos museus. O fácil acesso à cultura no Estado de São Paulo também facilitou com que eu conhecesse diversos desses espaços museais, fosse por trabalho ou fosse simplesmente pelo prazer de conhecer novas manifestações culturais.

Hoje conceituo Museu como uma instituição para a comunicação e preservação do patrimônio, da memória e da cultura, seja material, natural, virtual, manifestação da humanidade e de suas construções, voltada ao benefício social e salvaguarda do que as diversas comunidades e sociedades criaram. O Conselho internacional de Museus (ICOM), por sua vez, define museu como:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento. (ICOM, 2022).

A ideia desses dois conceitos já habitava em mim durante meu desenvolvimento pessoal

e humano pois, de alguma forma, sempre soube quão importantes são os museus e quão plurais podem ser. São tantas formas de museu! Gosto de citar, do Estado de São Paulo, o Museu da Língua Portuguesa, o Parque Estadual Caverna do Diabo, a Unidade de Preservação Jacupiranga, Parque Estadual da Ilha Anchieta, Ubatuba, Memorial da América Latina, Museu do Café, Botucatu, Museu Catavento.

A sensação equitativa da importância de todos esses tipos de museu me acompanhava desde a infância e, conforme crescia, também notava a dificuldade de se viver de cultura no Brasil. Não é fácil decidir um “rumo para a vida”, a sociedade nos impõe áreas de maior prestígio, ou de enriquecimento próspero, a competitividade e desigualdade de oportunidades boicotam diversos sonhos.

Assim, eu me via latente, pulsante e tinha a vontade de ser um agente cultural. Então, quando foi divulgado o processo seletivo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)³,vi uma oportunidade, como tantos que buscam ingressar nas universidades federais. Dessa forma, ingressei no Curso de Bacharelado em Museologia na Universidade Federal de Sergipe.

Havia o curso em Museologia também no Estado de Santa Catarina e na cidade de Ouro Preto/Minas Gerais, entretanto, para mim, o custo de vida nesses locais excedia qualquer pretensão de sobrevivência. Além destes, o estado do Rio de Janeiro também exercia uma tentação, tendo em vista que possui proximidade com os principais eixos de deslocamento do país e cuja bagagem histórica e cultural é mais facilmente notável. Porém, na época (2018/2019) a cidade do Rio de Janeiro se apresentava com o cenário social caótico, o país vivia a ascensão do bolsonarismo, havia a questão midiática da baixa segurança pública devido a presença das milícias e, com o incêndio no Museu Nacional, o estado também vivia o desmonte das Universidades locais.

No Estado da Bahia havia uma graduação no Recôncavo Baiano e outra na capital, Salvador. Porém, Sergipe e sua graduação no município de Laranjeiras, fez meus olhos brilharem e, assim, a abordagem social dos cursos do CampusLar, bem como a possibilidade de acesso a culturas distintas e desconhecidas para mim foram motivos suficientes para minha escolha.

Laranjeiras também abrigava “O Campus das Artes” e, para um artista, musicista, e

³ O ENEM foi criado em 1998 objetivando avaliar o desempenho dos estudantes de nível médio, sendo aperfeiçoado em 2009 como mecanismo de ingresso nas universidades brasileiras.

aspirante a museólogo, não houve escapatória. Ao buscar conhecer a cidade, tão próxima ao litoral e tão antiga em história, de imediato notei suas potências e segui para quebrar, como sulista, algumas ignorâncias e preconceitos acerca da região.

A diversidade cultural, a quantidade de heranças e memórias se acumulam nas abas de busca feitas na internet. Era um horizonte que não passava pelos veículos de informação no sudeste.

Laranjeiras, a “Capital da Cultura Popular Sergipana”, me apresentou o termo, Cultura Popular, que envolve, de acordo com Carlos Brandão em *Do Polegar ao Pensamento* “essas práticas e representações sociais com as quais uma comunidade cultural demonstra sua identidade particular. Ela parte da base da sociedade, é dinâmica, heterogênea”. (2019, p. 131)

O termo, como alude ainda, Antônio Augusto Arantes (1998), coloca essa forma de manifestação de cultura:

[...] com características que a singularizam do termo mais genérico de ‘cultura’, é tido como um ato de resistência, por vezes ambíguo, entre o ‘idealismo romântico da tradição’ e uso de interesses políticos. São práticas que pontilham o cotidiano. Envolvem o contraponto com o que é tido na sociedade atual (capitalista, consumista e globalizada a partir do viés do norte global) como culto, erudito, refinado. (ARANTES, 1998, p. 09 - 12).

Volátil, plural, viva, dinâmica e um tanto caótica, que inspirador foi poder ter a possibilidade de viver essa cultura em Laranjeiras. Nunca havia visto um grupo de brincantes que louvasse a São Gonçalo⁴, por exemplo, vindos de um território quilombola, dançando em frente a igreja matriz local, sendo reverenciados por toda a população com todos os seus batuques, suas vestes de cores vivas e um riso irreverente, por isso sutil, presente nos brincantes. Após o processo seletivo do ENEM, foi necessária a inserção no Sistema de Seleção Unificada (SISU) para a construção da jornada até a matrícula. Foram dias de ansiedade e espera enquanto o sistema sincronizava os interesses de possíveis estudantes com suas notas do ENEM e seus cursos.

Ao fim do processo, decidi pela confirmação da escolha de cursar Museologia em

⁴ O ‘São Gonçalo da Mussuca’ é uma manifestação de um grupo de homens do Quilombo da Mussuca, votivos ao Santo, que a partir de uma tradição católica portuguesa, que foi absorvida e preservada pelas comunidades negras de Laranjeiras, cultuando São Gonçalo do Amarante com músicas e danças agradecendo e pedindo graças entoando seus cânticos. A Manifestação foi construída como um ato de inserção e resistência. De maneira perspicaz as pessoas escravizadas fundiram fragmentos de sua cultura originária nos modos de fazer a louvação ao santo, inserindo ícones como o Rei do Congo, a menção à Angola e à Mãe Zambi. (Santos, 2022).

Laranjeiras e o horizonte de preocupação se ampliou. O primeiro impacto foi pensar na distância, na necessidade de transportes e residência para ter acesso à universidade. Foi necessário fazer pesquisas relacionadas às passagens aéreas, linhas de ônibus e seus respectivos impactos financeiros, ainda mais, com situação atenuante do Campus de Laranjeiras ser interiorano, enquanto o fluxo de locomoção é todo voltado para Aracaju, a capital do estado.

A pesquisa na internet por moradia até hoje não é frutífera, não há divulgação de locação em Laranjeiras, me forçando inicialmente a residir por um mês em Aracaju, no bairro Santa Maria. Foi positivo, refletindo hoje, pois a proximidade com o litoral e seu fluxo turístico me permitiu um mergulho leve nas águas sergipanas, conhecer a cultura com o filtro turístico enquanto começava a me contagiar pelo que se esconde na rotina de se viver aqui. Em pouco tempo resolvi me chegar em Laranjeiras para achar moradia.

Com isso, experimentei os problemas de traslado para a cidade, que é uma grande dificuldade porque há somente uma linha de transporte realizada por micro ônibus de cooperativas do estado (Coopertalse, Coopertaju) que, apesar de funcionarem em horários regulares durante a semana, ainda que com oscilações, são poucas as opções nos fins de semana. Considero isso incoerente, tendo em vista que Laranjeiras era divulgada nos diversos veículos digitais visitados como a capital da cultura sergipana. Então, como conhecer Laranjeiras se não é possível chegar na cidade com a mínima facilidade?

Entretanto, ao vencer essa situação, desembarquei no centro da cidade e as colinas que protegem o município deram espaço para o Vale do Rio Cotinguiba se mostrar com toda sua exuberância. A imponência colonial percorrida por todo o trajeto feito da rodoviária até a Colina Azulada, onde se localiza a igreja do Senhor do Bonfim e Nossa Senhora das Dores, foi uma experiência estonteante. Ainda tenho guardado na memória o primeiro pôr do sol da colina.

Após tal deslumbre, precisei me atentar à necessidade de moradia. Buscar residência em Laranjeiras envolve a garimpagem de placas de papel coladas em frente às casas para aluguel ou venda, mecanismo esse que exige ao locador a procura de rua em rua e de casa em casa.

É interessante o fato de os logradouros possuírem além do nome oficial, apelidos culturais. Procurar uma casa na Rua Umbelina Araújo equivale a procurar casa na Rua da Alegria ou na Rua da Cacimba; a Rua José do Prado Franco é chamada por Rua Direita; a Rua Armindo Guaraná é conhecida como Rua do Mulungú e isso é algo que se aplica a vários endereços. Eu encontrei uma casa na Rua Jackson Figueiredo, a famosa Rua da Vitória. Dona

Ceixa⁵ era minha locadora na época e assim eu me mudei durante a Semana Santa do ano de 2019.

Ali começava minha pesquisa, sem ao menos ter ciência dos horizontes que eu atingiria. Segundo dia em Laranjeiras, passam pela rua durante a madrugada homens vestidos em túnicas brancas, tocando matracas e recitando cânticos e orações. São os penitentes, soube por Ceixa, fui pesquisar sobre:

A origem e significado desta tradição são desconhecidos; talvez de origem pagã, teria sido recuperada pelo cristianismo, que em tempo de Quaresma chama os fiéis para o arrependimento e penitência. Em função dos rituais que a materializam, parece retratar, de algum modo, o percurso de Cristo até o Calvário. (Tavares, 2023).

A percepção visual, sonora e sensorial da procissão de homens, em seus tons barítonos entoando suas orações pela salvação das almas dos mortos, sempre a partir da meia noite e saindo da morada dos falecidos é impactante. Além disso, as matracas em compasso com as músicas chamam a atenção dos moradores sobre sua presença nas ruas durante a Semana Santa e eu, atento, anotei em meu diário como fiquei fascinado.

Posteriormente, ao me debruçar sobre os estudos de Brandão (2007), recuperei todas as anotações existentes, dados brutos, do contato, da sensação imediata da experiência antropológica que agora são essenciais no tratamento e reflexão dos materiais estudados para este trabalho de campo, o autor pontua:

O trabalho de campo é uma vivência, ou seja, mais do que um puro ato científico, como talvez pudesse ser um trabalho de laboratório. [...]. É um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento que diferentes categorias de pessoas fazem. É uma relação entre pessoas, em uma dimensão social e em uma dimensão afetiva. (Brandão, 2007, p. 12).

A pesquisa de campo envolveu a convivência, a pesquisa do território, sua forma de subsistência, as relações hierárquicas existentes, o cotidiano de trabalho. São dados e trocas de sinais e símbolos. Tudo devia e foi anotado, rascunhado, fotografado para a composição de um trabalho de campo.

Conforme os estudos de Brandão foram apresentados a mim, somente com a produção da monografia, busquei cada material de anotação que tinha feito entre 2019 e o presente ano.

⁵ Maria Conceição dos Santos, carinhosamente apelidada de “Ceixa”.

Assim, o primeiro caderno de campo confeccionado foi recheado de informações soltas da minha chegada a Laranjeiras, os primeiros momentos e lugares conhecidos e as datas e dados anotados. Tê-lo preservado propiciou comparar fatos e experiências entre 2019 e 2024.

Aos que pensam em seguir na atuação com comunidades e pessoas, compartilho a indicação de Brandão “de sempre anotar suas percepções, suas impressões e as práticas observadas porque esses primeiros dados são importantes para destrancar a criação dos trabalhos.” (2007, p. 19). Abaixo deixo para ilustração, meu primeiro caderno de campo:



Figura 01: primeiro diário de campo que fiz em 2019
Acervo pessoal do autor

Percebo, através do diário/caderno de campo, que o desafio deste trabalho de conclusão de curso é sistematizar os dados de forma harmoniosa para a apreciação do leitor e, depois de estabelecer residência fixa em Laranjeiras, segui para o contato com a universidade em si e meu primeiro ponto de atenção foi a edificação.

O conhecido “Quarteirão dos Trapiches” se localiza junto ao Rio Cotinguiba, no centro histórico da cidade, tendo diversos caminhos das ruas convergindo para onde hoje se localiza a UFS. Após a fundação do “Campus Laranjeiras” de arte e cultura, foi estabelecido que os cursos que seriam destinados à Laranjeiras seria os Bacharelados de Museologia, Arquitetura e Arqueologia e as licenciaturas de Dança e Teatro (os dois últimos, posteriormente foram

alocados para Aracaju e São Cristóvão, respectivamente⁶).

Focando na Museologia, a página de apresentação do curso no Sistema Integrado de Gestão de atividades Acadêmicas (SIGAA) apresenta que o Bacharelado foi fundado através da Resolução N° 69/2006/CONEP. A página também cita as atualizações no Plano Pedagógico do Curso, a última avaliação do MEC, a criação dos Laboratórios para atividades de ensino, pesquisa e extensão, o acesso à Biblioteca e a realização de eventos, oficinas e pesquisas relacionadas ao patrimônio material e imaterial de Sergipe.

De fato, logo nas primeiras aulas do semestre as questões relacionadas com o patrimônio foram pontuadas e eu dei início aos ensinamentos sobre Cultura, História, Artes, Sociologia, Antropologia e suas relações com a Memória, assim como a Museologia em si, suas teorias e práticas, possibilidades e limitações.

As reflexões sobre a articulação dessas áreas de ensino com a cidade de Laranjeiras não passam despercebidas pois os conteúdos aprendidos em aula pelos professores se casam, de forma natural, com este museu a céu aberto que é a cidade. Tudo isso é ainda reforçado pelas visitas técnicas aos museus e espaços culturais da cidade, pelo estudo de sua arquitetura história, mas acima disso, pela relação de importância dada às mestras e mestres de cultura da cidade, dos moradores e frequentadores da cidade e por consequência de todo o estado de Sergipe.

O Curso de Museologia está atento às demandas sociais, abordando noções de conservação de bens e objetos de memória, além da preservação voltada para o acesso, a salvaguarda da memória e a consciência ética sobre o patrimônio. Reconhece-se, ainda, a importância da comunidade para a existência desses bens culturais que vai além dos acervos institucionais, manifestando-se também em práticas, rituais e saberes das comunidades.

Como destaca Chagas (2009), a Museologia social busca não apenas preservar, mas também valorizar e ressignificar os bens culturais por meio do envolvimento direto das populações locais. Nesse contexto, a cidade de Laranjeiras pode ser vista como um território vivo de práticas museológicas, onde manifestações culturais, representam formas dinâmicas de memória e identidade coletiva.

No Plano Pedagógico do Curso (RESOLUÇÃO 17/2020 - CONEPE/UFS) é frisado logo nas considerações iniciais, a preocupação do curso com “um processo de construção, visando a propiciar experiências que possibilitem a compreensão das mudanças sociais e dos problemas delas decorrentes.” (RESOLUÇÃO 17 CONEPE, 2020, p. 02).

Paralelamente a isso, ao olhar a realidade da cidade, vi a carência que não passa despercebida, bem como o apagamento, o esquecimento e a vilipendiação dos bens culturais a serem cuidados e me perguntei: como a universidade, centro de conhecimento, não está funcionando em conjunto com a cidade? Qual o motivo de tal paralelismo de trajetórias? Qual a relação presente entre os frequentadores do CampusLar e a gestão de Laranjeiras? Como

desobstruir o conhecimento latente que permeia Laranjeiras e fazer da UFS um motor para tal avanço?

Acredito que é dever da universidade refletir ações de valorização das pessoas, das comunidades de Laranjeiras e suas manifestações. O CampusLar se manifesta enquanto fenômeno social e humano que habita este solo fertilizado em cultura, história e resistência e a comunidade universitária precisa se aprofundar nessa vivência.

Para isso me contagiei por/para Laranjeiras e convivi com suas pessoas, conheci suas estruturas governamentais, entrei em comissões na universidade em parceria com a gestão municipal, participei da articulação em prol a cultura local, através de recepções, oficinas e visitas técnicas em espaços culturais da cidade, me tornei representação estudantil, instituindo um vínculo entre a esfera discente e a gestão da UFS.

Me envolvi com o dia a dia da comunidade numa saudação de boa tarde, na apreciação da rotina de trabalho de cidadãos, me inserindo nos espaços públicos e absorvendo nomes. Esse vínculo que se cria em coletivo e que constrói um grupo social de interesse comum é, portanto, comunidade. Brandão (2019) caracteriza comunidades como uma fração de um povo, de uma sociedade que interage seus modos de ser, de pensar, de sentir, de crer. É um agrupamento humano que compartilha sua memória, sua história, seu ethos e sua identidade, no singular e no plural. Assim, “toda coletividade humana é também uma comunidade cultural” (Brandão, 2019, p. 130) e eu sou parte da comunidade de Laranjeiras.

Quanto mais me impregnava com a vivência na cultura local e suas comunidades (religiosas, vizinhas de rua, universitária, de mestras e mestres de cultura, política) mais era puxado para me engajar e essas ações de envolvimento foram importantes para entender os diversos prismas que formam a relação da universidade com a cidade⁷.

Em 2021, após o período de medidas protetivas de isolamento social da pandemia de COVID-19, pude voltar a visitar os espaços culturais e realizei a exposição “Porque Laranjeiras... O Olhar de um Forasteiro Apaixonado” onde, através de fotografias e cartões postais da cidade, divulguei Laranjeiras em Lençóis Paulista interior de São Paulo. No Espaço Cultural “Cidade do Livro”, fui surpreendido por haver uma produção literária do historiador

⁷ A critério de exemplo, ressalto que em 2019 participei, através do CampusLar, de uma ação de extensão vinculada a exposição Poéticas Negras Dissonantes, realizada no Museu Afro-Brasileiro de Sergipe. Também criei em conjunto com o Centro Acadêmico de Museologia o primeiro Sarau das Criatividades (2021), reunindo as expressões artísticas diversas dos estudantes.

laranjeirense Filadelfo Jônatas de Oliveira, o livro “Fatos Históricos de Laranjeiras”, apresentado pela bibliotecária do local na ocasião. A exposição também reviveu laços de frequentadores que já haviam conhecido Laranjeiras por seu Encontro Cultural⁸.

Após isso, em 2022 projetei, com o apoio da Diretoria do CampusLar e da organização não governamental Centro da Terra a primeira edição da visita técnica “Além dos Muros”, visitando regiões espeleológicas de Laranjeiras. No mesmo ano fui extensionista na ação “Nos Passos da Fé: Registro Digital das Celebrações processionais de Laranjeiras” coordenada pelo professor Fernando José Ferreira Aguiar que, no mesmo ano, coordenou outro projeto relacionado também com o registro digital de manifestações de fé da Irmandade de Santa Barbara Virgem⁹, e da “Irmandade Nagô” de Laranjeiras.

Entre essas ações, ainda reivindiquei junto a diretoria do campus, através do meu ingresso como membro da coordenação de cursos, melhorias nas condições da van que transporta os estudantes de São Cristóvão para Laranjeiras; participei da recepção estudantil de 2023, com a temática de representatividade LGBTQIAPN+; e fui apresentador de trabalho no Encontro Nacional de Estudantes de Museologia com outras e outros colegas.

Pude em 2024 fazer a segunda edição do projeto “Além dos Muros”, com o foco na ancestralidade de Laranjeiras, conhecendo ruas, pessoas como João Sapateiro passando pela Irmandade de Santa Bárbara, a Sociedade de Culto Afro-Brasileiro Filhos de Obá¹⁰ e culminando na Gruta da Pedra Furada¹¹.

Essas ações refletem o pensamento de Brandão (2019) sobre a cultura popular e a atuação correta do Campus Laranjeiras em agir a partir da valorização dessas práticas. O autor

⁸ O Encontro Cultural, instituído em 1976, proporcionou e ainda proporciona um espaço para atividades de dança e teatro, apresentações dos grupos de cultura local, estudos e pesquisas sobre a cidade, promovendo ainda o Simpósio voltado para a cultura popular em parceria com a UFS. (Gomes; Santos; Ribeiro, 2015, p. 346).

⁹ Beatriz Gois Dantas pontua que “em Laranjeiras a tradição ao culto Nagô remonta ao séc. XIX a partir da Casa Ti Herculano e posteriormente vinculado ao Terreiro de Santa Barbara Virgem. As dirigentes da casa são chamadas de Alôxa ou Lôxa. Responsáveis pelos festejos, pela coordenação do grupo das Taieiras e pela manutenção das tradições, cânticos e rituais da casa. Se consideram o Nagô puro. Preservando as raízes e não permitindo ‘misturas’ que não sejam africanas”. (Dantas, 1988, p. 66 – 68).

¹⁰ A sociedade foi reconhecida patrimônio estadual em 1988 “com o objetivo de reconhecer oficialmente o Terreiro Filhos de Obá como parte do patrimônio histórico e artístico estadual. Primeiro referente a um templo religioso não católico no Estado” e também pela antiguidade, representatividade e a singularidade de seus rituais. (Passos, 2015, pp. 63 – 64).

¹¹ A gruta é descrita pelo Cônego Filadelfo como “uma vasta abobada de granito, caprichosa arcada de cinco metros e meio de raio sobre vinte e dois de diâmetro. Numa largura de dezessete, abrindo um amplo recinto de cerca de duzentos metros quadrados. De aspecto severo e augusto. Como o ádito de um templo. Ninguém penetrará a sombra desse maravilhoso refúgio, sem experimentar a impressão que infundem as coisas sagradas” (Oliveira. 1942, p. 259).

coloca, entre outras coisas, marcos/acontecimentos que caracterizam a cultura popular e destaque, entre eles, o respeito à voz e saberes daqueles que são responsáveis por seus espaços e manifestações.

No caso de Laranjeiras, ainda que sem financiamento da Reitoria da UFS, buscamos trazer as mestras e mestres para nos ensinarem, buscamos a sabedoria direta da comunidade na pesquisa histórica, citamos, pesquisamos, mas acima disso, a comunidade cultural de Laranjeiras produz suas obras, é protagonista das manifestações, guias em projetos culturais, “donas e donos” de seus documentários, seus livros, de sua história e referenciados dignamente. Brandão (2019) coloca esse processo de autorreconhecimento e reorganização num sentido de que seja retomada as culturas próprias das comunidades a partir delas.

É um ato de resistência, de movimentação de ação política, que manutenção de tradições autóctones, gerando nova valorização, pertencimento e reconhecimento. Esse movimento gera maior polissemia de narrativas, que eram até então restritas aos “outros”, que interferiram nas comunidades.

O CampusLar, nesses cinco anos que estou estudando, demonstrou diversas vezes seu engajamento nessa forma de trabalhar com a cultura local por meio do respeito e reconhecimento do protagonismo desses atores. Infelizmente o quarto marco que Brandão (2019) cita, ou seja, as políticas públicas como possibilidade de preservação, financiamento e incentivo tem sido insuficientes, perante a necessidade, tanto da própria comunidade local, quanto da comunidade do CampusLar e suas ações.

Brandão reforça o papel das políticas culturais, sobretudo de agências governamentais como um “percurso que vai da UNESCO [...] até o Ministério da Cultura do Brasil e as agências estaduais ou mesmo municipais de algum modo ocupadas com a questão da cultura.” (2019, p. 140).

Dessa forma, passei a dar mais atenção a essas outras esferas de ação cultural com Laranjeiras. Com a vivência que adquiri na representação discente no Departamento de Museologia e Coordenação de Cursos do CampusLar, na atuação com a comissão com a Prefeitura Municipal e estagiando nos órgãos de cultura do estado, notei que o campus busca atuar com a cidade, mas as outras esferas pouco fazem. Frequentemente seus representantes se ausentam de reuniões, das fiscalizações, das parcerias, entre tantas outras formas ativas de responsabilidade social e coletiva.

Assim, questiono também quais impasses geram a baixa aderência desses órgãos com a

cidade? Qual é a situação do suporte legal para políticas culturais e quais investimentos são direcionados no progresso da cultura Laranjeirense? É somente burocracia? De que forma as esferas governamentais e privadas que se envolvem com o CampusLar e Laranjeiras? Espero poder responder algumas dessas questões.

2. Sistemas de valores, tradições e crenças

E ecoa noite e dia.
É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador.
Esse canto que devia. Ser
um canto de alegria
Soa apenas como um soluçar de dor

Clara Nunes

No aprofundamento do entendimento da cidade, que tenho feito no decorrer destes anos de graduação, comecei buscando os aparatos de legislação que alicerçam o funcionamento e as possíveis ações do Campus das Artes com a cidade.

Ao me debruçar sobre os planos pedagógicos dos cursos presentes notei que o de Museologia, segue em constantes manutenções para beneficiar a formação de bacharéis em museologia aptos ao trabalho com o patrimônio e ainda atentos à importância que Laranjeiras tem no cenário cultural nacional. O Plano do Curso é extrapolado pela boa ação das/dos docentes que entendem o laboratório social singular que a cidade é.

As diversas ações existem em conjunto com a construção de um curso em um Campus que resiste ao desmonte da cultura em Sergipe, mas são poucas diante da carência do município e da baixa disponibilidade de ação pelos órgãos parceiros.

Ao pesquisar os Planos Curriculares dos demais cursos, foi perceptível a similitude com o de Museologia pois há ações de extensão pela e com a cidade e a iniciativa de diálogo entre as esferas participantes da cidade (prefeitura, artistas e mestres de cultura), do estado (Governo de Sergipe, Conselho Estadual de Cultura¹² e a Fundação de Cultura e Arte Aperipê¹³), e da Universidade (com outros cursos, docentes, discentes, grupos de pesquisa e trabalho, técnicos

¹² O órgão é instituído em 16/08/1967, pela lei nº1478, sendo responsável pela gestão de Encontros Culturais, pela defesa do acervo cultural do Estado, pelas medidas de patrimonialização, pela confecção do calendário cultural de Sergipe e a articulação entre prefeituras e instituições culturais. Disponível em: <https://cnpq.cultura.gov.br/conselho-de-cultura-de-sergipe/>. Acessado em 23 de setembro de 2024.

¹³ A FUNCAP/SE foi instituída em 04 de janeiro de 2019, com base na Lei Nº. 8.505 sancionada pelo governador do Estado Belivaldo Chagas a partir da fusão entre anterior Fundação Aperipê de Sergipe (FUNDAP/SE) com a Secretaria de Estado da Cultura (Secult). Disponível em: https://www.se.gov.br/funcap/funcap_fundacao. Acessado em 23 de setembro de 2024.

e a reitoria).

Entretanto, ao me aprofundar sobre esses demais agentes envolvidos com a cultura local e a Universidade em Laranjeiras, primeiro em âmbito federal, constatei através do informativo Cultura em Evidência¹⁴, material para a 4ª Conferência Nacional de Cultura¹⁵, que no período de 2019-2022 tivemos a redução do Ministério da Cultura para uma pasta subsidiada a um outro ministério. Esse desmonte de Políticas Públicas para a Cultura, através da publicação do decreto nº 9.759 que extinguiu a participação social na Política Nacional e o Sistema Nacional de Participação Social (SNPS)¹⁶, dificultou a mobilização das populações e comunidades para reivindicarem seus interesses de direito.

Em Matéria no Jornal da Cultura¹⁷ publicada em outubro de 2021 é recapitulado alguns fatos, como a sucessão vergonhosa de secretários de Cultura, o flerte com o autoritarismo, a deturpação da Fundação Cultural Palmares¹⁸, tão importante para o Brasil e evidentemente em Laranjeiras, e o incêndio da Cinemateca¹⁹.

Durante a pandemia, o descaso Federal foi generalizado, entre políticas antivacinas, recusa de cumprimento de reclusão e distanciamento social promulgadas por parte do governo, a Cultura ficou abandonada sob a gestão de Regina Duarte e Mário Frias²⁰, assim como todas e todos as/os artistas, agentes culturais e empreendedores de saberes e fazeres do Brasil.

Somente após mobilização de artistas, agentes de cultura e a sociedade é que foram

¹⁴ Pesquisa colaborativa publicada pela Organização C de Cultura em parceria com o Instituto Veredas. Cultura em Evidencia, aprendizados para fortalecer políticas culturais no Brasil. Publicada em 2024. Disponível em: <https://culturaemevidencia.com.br/>. Acessado em 17 de setembro de 2024.

¹⁵ “A Conferência Nacional de Cultura é o principal espaço de participação social para avaliação e discussão de potenciais aperfeiçoamentos das políticas públicas de cultura no Brasil. É uma instância de debate e proposição de diretrizes para a formulação e atualização das políticas públicas de cultura”. Cultura em Evidencia, aprendizados para fortalecer políticas culturais no Brasil. Publicada em 2024. Disponível em: <https://culturaemevidencia.com.br/>. Acessado em 17 de setembro de 2024.

¹⁶ Instituído em 2014, objetivando a criação de comitês, fóruns, conferencias, através dos quais, os gestores sociais e a sociedade como um todo, poderiam ter participação nas decisões da federação. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/10/CartilhaPNPS1.pdf>. Acessado em 17 de setembro de 2024.

¹⁷ Jornalismo TV Cultura. Após 1000 dias de governo Bolsonaro, pasta da Cultura coleciona gafes, polêmicas e tragédias. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OY7dFmRpR4w>. Acessado em 17 de setembro de 2024.

¹⁸ Para mais informações ver: <https://www.gov.br/palmares/pt-br>. Acessado em 17 de setembro de 2024.

¹⁹ Para mais informações ver: <https://cinemateca.org.br/>. Acessado em 17 de setembro de 2024.

²⁰ Ambos assumiram a pasta da Cultura por indicação do Presidente Jair Bolsonaro. Regina Duarte assume a pasta em 4 de março de 2020, cargo que exerceu até 20 de maio do mesmo ano, enquanto Mario Frias a sucede entre junho de 2020 e março de 2022. Dois momentos lastimáveis para a pasta da Cultura.

instituídas as Leis Aldir Blanc²¹ e Paulo Gustavo²², que propiciaram alguma forma de sobrevivência a tantos profissionais da cultura durante o período da Pandemia da Covid-19²³.

Nesses meses caóticos, eu enquanto estudante de uma universidade gerida pelo Governo Federal, senti, como tantas e tantos, o peso do descaso e despreparo para lidar com tamanha tragédia em um período de desmonte das estruturas educacionais e culturais.

Enquanto nos isolamos, sem aulas, sem trabalhos, aguardando uma vacina, no meu caso, longe de família e amigos, em outro Estado, busquei alguma forma de sobreviver e obter qualquer renda essa dificuldade gerou um produto artístico que hoje faz parte do meu vínculo com Laranjeiras: a pintura. Durante a pandemia, comecei a pintar, incentivado pelas matérias de artes em que participei na graduação.

Para transmutar essas angústias geradas pela Pandemia de COVID-19 em produto artístico, me inspirei no artista local Horácio Hora para realizar algumas releituras, conforme exposto a seguir. Segundo Filadelfo Jonatas de Oliveira (2005, p. 177), o pintor laranjeirense viveu entre 1853 e 1890 e é famoso por suas composições românticas e de cores vibrantes e profundas. É o autor de algumas obras como Peri e Ceci, pintura exposta no Museu Histórico de Sergipe²⁴; e Gruta da Matriana, atualmente disponibilizada na Enciclopédia Itaú Cultural, sendo desconhecida em minha pesquisa sua localização física, Laranjeiras, infelizmente, não tem telas do pintor em seus espaços culturais. É curioso destacar que a comunidade local de Laranjeiras também atribui a Horácio Hora a pintura de Santo Antônio que está na Gruta da Matriana.

²¹ Iniciativa que buscou apoiar profissionais da área [cultural] que sofreram com impacto das medidas de distanciamento social por causa do Corona vírus. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/cultura-artes-historia-e-esportes/2020/08/lei-aldir-blanc-de-apoio-a-cultura-e-regulamentada-pelo-governo-federal>. Acessado em 17 de setembro de 2024.

²² Lei complementar nº 195/2022 destinada ao investimento direto no setor cultural do Brasil, para a execução de ações e projetos culturais em todo o território nacional. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/acesso-a-informacao/comunicabr/lista-de-acoes-e-programas/lei-paulo-gustavo>. Acessado em 17 de setembro de 2024.

²³ A Pandemia foi caracterizada como pandemia em 11 de março de 2020, junto com as medidas de restrição social para prevenção ao risco da doença, com as normas de distanciamento e voltamos ao público em maio de 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2011%20de%20mar%C3%A7o%20de,pa%C3%ADses%20e%20regi%C3%B5es%20do%20mundo>. Acessado em 17 de setembro de 2024.

²⁴ Ver anexo 1.

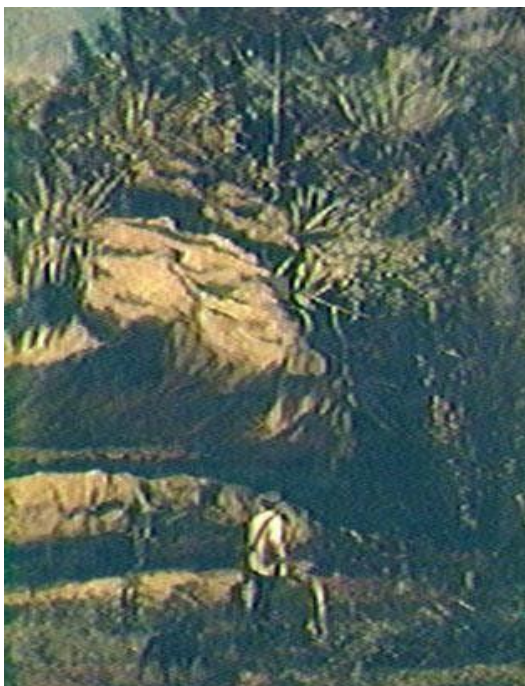


Figura 02: Gruta da Matriana, tela de Horácio
 Hora Fonte: Enciclopédia do Itaú
 Cultural/SP



Figura 03: Gruta da Matriana Fotografia
 de João Victor Ciccone, acervo do autor

Dando continuidade às releituras e os trabalhos de arte, em conversa com a graduanda em Arqueologia, Tatiane Marques, esta comentou como artesãos do Ceará confeccionavam arte em telhas e que eu deveria buscar um material alternativo a telas para meu trabalho. Ao invés das telhas, desenvolvi um vínculo com as pedras e essa foi minha solução criativa.

Laranjeiras foi construída em pedra calcária, material tão antigo e com tanta história desde a formação do nosso continente, mas também pedra que foi a suposta tela de Horácio Hora na Gruta da Matriana, paredão de calcário que integra o patrimônio natural da cidade. Atualmente na situada nas terras pertencentes à Usina São Jose do Pinheiro. Assim, a bruteza da pedra com a languidez da arte forma hoje minha expressão artística e minha forma de renda alternativa²⁵.

A pandemia e a gestão federal do governo Bolsonaro exigiram dos brasileiros alternativas diversificadas para se manterem vivos, minimamente amparados e pagando as contas. Para quem vive, estuda e trabalha com as Universidades Federais, de acordo com o

²⁵ Ver Anexo 2.

levantamento do Instituto Cultura Liberta (2023), os dados são alarmante. Somente uma Universidade foi inaugurada em todo o mandato de Bolsonaro, houve a redução de 23% do orçamento para assistência estudantil (R\$1,1 bilhão em 2019 para R\$845 milhões em 2022) e o congelamento das verbas totais das universidades.

Os impactos de um governo conservador e autoritário, assim como da Pandemia, afetaram profundamente a rotina de Laranjeiras pois causaram a interrupção de aulas, o fluxo baixo do comércio, a ausência de eventos e apresentações em espaços culturais e assim toda a população foi impactada. Sendo o CampusLar, um polo da UFS vinculado intrinsecamente à cultura, acredito que ele foi massivamente atingido por esse desmonte.

Somente a partir da eleição do novo governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2023), responsável inclusive, pelos programas de maior investimento em cultura, tal qual o Monumenta, o Reuni, o Plano Nacional de Cultura, foi que pudemos voltar a respirar cultura e viver com dignidade. Ressalto que ainda vivemos uma “ressaca” do (des)governo Bolsonaro, uma batalha com as ideologias conservadoras, porém, agora, minimamente conseguimos dialogar, reivindicar pautas dignas e suporte estatal.

Nestes dois anos de governo, foi reconstruído o Ministério da Cultura tendo como atual Ministra Margareth Menezes, realizada a 4ª Conferência Nacional de Cultura, interseccionalmente também estão sendo revistos os Planos Nacionais de Educação, área tão interligada à cultura, assim como a proposta de criação de novas Universidades Federais, ajustes nos investimentos das Leis de Incentivo a Cultura, reestabelecimento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Na esfera Estadual, temos em Sergipe o Governo do Estado atuando através da Fundação de Cultura Aperipê. A fundação é instituída em 2019, por um projeto de lei que unia a Fundação Aperipê de Sergipe com a Secretaria de Cultura. A autora Daniele Canedo (2007) chama atenção para a distinção entre esses órgãos:

Uma Secretaria é um órgão autônomo, que está localizado na cúpula da Administração, imediatamente abaixo dos órgãos independentes e diretamente subordinados a seus chefes. Estes órgãos têm ampla autonomia administrativa, técnica e financeira, caracterizando-se como órgãos diretivos, com funções de planejamento, supervisão, coordenação e controle das atividades que constituem sua área de competência. (Canedo, 2007, p. 07).

A autora segue em reforço da caracterização dessa modalidade de órgão público como excessivamente burocráticos, perante a demanda dinâmica do setor cultural, por exemplo. E

distingue em seguida:

Em muitos estados e municípios brasileiros, as políticas culturais são realizadas através de Fundações Culturais. Além de serem sujeitos de direitos e obrigações, essas entidades da administração descentralizada possuem autonomia administrativa, receita e patrimônio próprio. (Canedo, 2007, p. 07).

O foco de uma fundação de cunho cultural é constatado pela dinâmica maleável para parcerias, contratos, financiamento tanto da esfera pública quando da privada. A fundação prevê a possibilidade de ser parcial ou totalmente subsidiada pela instância direta do estado, além da autonomia já citada para captação de recursos e decisões.

Entretanto a Funcap acumula reclamações e denúncias quanto a sua ação, burocracia para tratar das políticas culturais e dificuldades de manutenção financeira de seus espaços e colaboradores, não me limito aqui ao período de pandemia ou gestão de Bolsonaro. É histórica a forma segregadora com que os agentes de poder (dos primeiros dominadores, passando pelos senhores de engenhos, até os políticos atuais) gerem o Estado e o patrimônio das cidades do interior.

São Cristóvão, por exemplo, cidade originada em 1590, perpetua algumas memórias e a mais singular, para mim, é a patrimonialização mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) do conjunto arquitetônico da Praça São Francisco, composição única no Brasil por ser testemunho do período da União Ibérica, em que a Espanha dominava Portugal que dominava o Brasil.

Embora seja considerada patrimônio da humanidade, atualmente São Cristóvão é uma cidade intocável e empoeirada às sombras da nova capital, Aracaju. Durante minhas visitas, notei que as rotas de transporte não abrangem adequadamente o fluxo para a antiga capital, há poucas e sucateadas linhas de ônibus, o foco turístico é limitado aos redores da Praça São Francisco e a cidade se mostra distante de fluxos comerciais, com baixo apelo à visita em comparação com as praias, shoppings e comércio que atraem as grandes massas em Aracaju. O Fluxo econômico debandou de São Cristóvão e o Museu Histórico da Cidade se encontra fechado devido problemas estruturais no prédio.

Laranjeiras, por sua vez, é o município do Estado que tem suas histórias pitorescas descritas pelo Cônego Filadelfo Jonatas Oliveira ([1942] 2005). Dentre elas podemos constatar a presença, em 1869, de 56 Engenhos que trouxeram em seu auge uma enorme quantidade de

– .

peças escravizadas de África. Cada Casarão, Igreja, Prédio Público e lavoura foram construídos por pessoas que não aceitavam ter suas vidas simplesmente ceifadas após o sequestro.

O cônego Oliveira ([1942] 2005) mencionava a presença de “mocambos”²⁶, em 1606, na Manilha, aldeia antiga do município de Laranjeiras, e afirmava a existência de mocambos e quilombos no ato de instalação de uma força em 1839. A força, instrumento de tortura com o objetivo de manter o controle social dos povos escravizados, indicava, entretanto, que ainda assim os escravizados não aceitavam e conseguiam se libertar do ambiente opressor da senzala. Esses registros históricos do Cônego Filadelfo acerca das comunidades negras em fuga do sistema escravagista, criando seus vínculos e mantendo sua memória, apesar dos danos sociais e históricos, nos indica, hoje, que isso pode ter contribuído para que a cidade construísse sua cultura com maior bagagem de preservação dos laços com África, refletindo na pluralidade e diversidade de identidades culturais afro-brasileiras em Laranjeiras.

No presente, dessas comunidades vagamente mencionadas nas fontes históricas oficiais, Laranjeiras preservou como patrimônio imaterial, a cultura de herança africana, na Casa Ti Herculano²⁷, na Irmandade de Santa Barbara Virgem, na Sociedade de Culto Afro-Brasileiro Filhos de Obá e em outras Irmandades, Casas de Santo e Terreiros da cidade.

Pude experimentar o festejo aos Ibejis no “Filhos de Obá”, conhecer os otás (representação dos orixás no culto nagô em Laranjeiras) em uma exposição no Museu Afrobrasileiro de Sergipe, desmistifiquei parte do sincretismo negativo criado acerca de Exú, aprendi cânticos que foram impregnando em minha mente nos anos participando do Lambe Sujo x Caboclinhos e pude ter contato com a cosmovisão de práticas e cultos singulares. Aprendi muito acerca da aliança entre a natureza e a humanidade, do respeito à oralidade e aos que vieram antes, da reverência à ancestralidade e da preservação da memória dessas culturas com eles.

Não deixei de notar nas construções, monumentos e manifestações, alguns dogmas e signos católicos com que convivi durante toda a minha infância e adolescência no interior de

²⁶ O Dicionário Priberam define mocambo como local de abrigo de negros fugitivos da escravização, habitação rústica, habitação de quem vigia lavoura.

²⁷ Construída próximo a igreja da Comandaroba, junto ao Rio Cotinguiba, a religiosidade é parte do cotidiano, espaços e signos de fé, a casa foi a casa principal e inicial do culto nagô, hoje ainda realizar-se alguns festejos. A casa é tombada pelo IPHAN no livro de Tombo Histórico, em 1985. (Oficina Escola de Laranjeiras. Casa de Ti Herculano, Lugar nagô em Laranjeiras, 2011).

São Paulo, na colônia ítalo portuguesa que fundou a cidade em que nasci, mas havia diferenças. Laranjeiras tem isso em abundância, igrejas, casarões, os trapiches, fazendas e sobrenomes de brancos ricos destacados na história convencional, gosto de passear por cemitérios e, sendo de fora do Estado, não trago comigo aquela memória dos sobrenomes sergipanos.

Entretanto, nesses passeios pelos cemitérios de Laranjeiras e Aracaju, percebi como em lápides oitocentistas estavam registrados sobrenomes que li em obras sobre o período colonial de Sergipe que se arrasta até a contemporaneidade. Também na república, percebo os nomes na fundação de alguns museus e institutos e até hoje ouço esses mesmos sobrenomes nos telejornais em cargos estratégicos na gestão estadual.

Laranjeiras desenvolveu um modo próprio de não perder as raízes africanas insistentemente invisibilizadas e apagadas na história com o sufocamento da sociedade aristocrática sergipana e a cultura eurocêntrica em que o Brasil foi doutrinado a manter como hegemônica.

A Capital da Cultura Popular é a Capital da resistência. Arantes (1998, p. 54) endossa que "Cultura popular é, portanto, antes de mais nada, consciência revolucionária, um tipo de ação sobre a realidade social". Presenciei em Laranjeiras a prática dessas palavras.

Durante a coroação da Rainha das Taieras, a coroa de Nossa Senhora vai a cabeça da rainha membra do Terreiro Nagô e também, é na escadaria da igreja Matriz que a Loxa do Nagô da a benção para o festejo do Lambe Sujou x Caboclinhos. Dessa forma, percebo que a presença de pessoas pretas, candomblecistas, sambistas e mestres de cultura popular, como figuras públicas com grande notoriedade, é rotina na vivência em Laranjeiras.

Brandão articula como entender esse dilema histórico, a partir da dimensão dos dados de troca, sinais e símbolos sociais entre esses domínios, afinal "As pessoas agem, hierarquizam relações, a ação de uma pessoa determina a ação de outra, o resultado é uma espécie de drama da vida cotidiana [...] são comportamentos sociais e simbólicos." (Brandão, 2009, p. 15).

São batalhas, articulações, diálogos entre indivíduos e comunidades que resultam nessa dinâmica cultural da cidade. São batalhas por espaços e por representatividade. Desde que fui acolhido no Estado, travo em conjunto com os sergipanos uma luta por justiça social, acesso à saúde, educação, moradia de qualidade, segurança, vida sustentável, porque compreendo que tudo isso perpassa a cultura.

A Cultura é o contínuo ser e fazer da humanidade. Nós fazemos cultura quando nos

importamos com os que foram e enterramos os membros de uma comunidade; também ao cultivar e criar alimento para suas populações viverem saudáveis; e também ao registrar através de iconografias, oralidade, escrita, arte, música e tecnologias tantas, a memória do mundo.

Brandão (2019) caracteriza cultura como:

Conjunto de traços distintivos de uma sociedade ou de um grupo social, em plano espiritual, material, intelectual e emocional, compreendendo, além da arte e a literatura, os estilos de vida, os modos de vida em comum, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. (Brandão, 2019, p. 131).

Em concordância, Arantes apresenta que:

Essa diversidade, que se desenvolve em processos históricos múltiplos, é o lugar privilegiado da cultura, uma vez que, sendo em grande medida arbitrária e convencional, ela constitui os diversos núcleos de identidade dos vários agrupamentos humanos, ao mesmo tempo que os diferencia uns dos outros. Pertencer a um grupo social, implica, basicamente, em compartilhar um modo específico de comportar-se em relação aos outros homens e a natureza. (Arantes, 1998, p. 26).

Chamo atenção para os termos “sistemas de valores, tradições e crenças”. Palavras que transpiram as idealizações da humanidade e que refletem as ideologias diversas criadas nas sociedades, no tempo. Tradição alude ao passado, à um saudosismo de que algo estava melhor antes, procuro na obra atrelar a palavra dinamismo para a cultura, que é plural, heterogênea e mutável.

No Brasil, recente, a destruição da diversidade cultural foi alvo dessa guerra entre quem entende Cultura como possibilidade de transformação, de qualidade de vida, de acesso irrestrito à população e de quem faz da Cultura o palco de transmissões desumanizadoras, que boicota, violenta e busca matar, toda e qualquer diversidade cultural e pessoas que dela compartilham.

A obra Cultura em Evidência, define em seu material para a 4ª Conferência Nacional de Cultura:

[...] que não há democracia em uma sociedade que prega a monocultura, muito menos em uma que criminaliza, discrimina e aniquila certos tipos de expressão cultural, bem como as pessoas e grupos sociais e comunidades que as cultivam. (Cultura em Evidência, 2024, p. 03).

O governo de Sergipe historicamente aplica essa ideologia repressora na sua conduta de gestão. A lei de salvaguarda do Patrimônio Histórico e Artístico de Sergipe datada de dezembro

de 1976, ainda é de uma época em que a pasta da Cultura era conjunta a da Educação. Essa importante legislação prevê o tombamento de bens imóveis históricos de importância para a Cultura, assim como objetos, documentos, monumentos e paisagens naturais. Além disso, traça diretrizes sobre o processo de aquisição, doação e o tombamento compulsório de bens patrimonializados.

Também reforça que tais bens não podem, em hipótese alguma, serem arbitrariamente demolidos ou mutilados sob possibilidade de punição penal e que as multas aplicadas devem ser direcionadas ao Fundo de Promoção Cultural de Sergipe. É prevista a parceria com o IPHAN e a confecção de livros de tombo (Histórico e Etnográfico, Artístico, Paisagístico e Arqueológico) para o registro dos bens, mas não há menção sobre museus ou quaisquer espaços culturais, bem como possíveis utilidades para os bens tombados na lei.

Dessa forma, a Fundação de Cultura e Arte Aperipê (Funcap) é responsável, junto com o Conselho de Cultura para gerir as demandas da cultura estadual. Volto a destacar que não há Secretaria de Cultura em Sergipe, ainda que a Secretaria de Educação do Estado, ostente na sigla SEDUC a nomenclatura Secretaria de Educação e Cultura.

Além dessa troca de domínios e de diversos dominadores na gestão da pasta, pouco percebi, nesses anos vividos em Laranjeiras, de melhorias da qualidade cultural do município e, do Estado, o que foi cumprido, só foi em decorrência de dinâmicas federais impostas. Por exemplo, o Governo de Sergipe só instituiu o Sistema Estadual de Cultura em 2015, três anos após o nacional, semelhante ao processo de lei de tombamentos de 1976.

O patrimônio imaterial de Sergipe, e aqui sinalizo que grande parte do patrimônio de Laranjeiras está assegurado por mestres e mestras da cultura popular, foi legalmente instituído já tardiamente em agosto de 2022 pela Lei nº 9088. Reconhecendo e registrando os bens culturais de natureza imaterial, nos quatro típicos livros (Registro de Saberes, Celebrações, Formas de Expressão e Lugares), novamente sem detalhamento de qual forma será feita a manutenção, quais serão os incentivos e suportes para preservação, centralizando a ação de toda a gestão sob responsabilidade da Funcap e sem novamente detalhar diretrizes claras do modo de atuação da lei, fiscalização, promoção social.

O reconhecimento das mestras e mestres de Sergipe, foi aprovado em 2022 também, pela lei nº 9118 criando o Programa de Registro de Patrimônio Vivo da Cultura Sergipana. Seguindo a formação das demais, é facilmente observada a priorização da burocracia sistêmica do ato de registrar, catalogar em si, assim como um breve tutorial de quais são os requisitos

para a aptidão do registro ou sua recusa, colocando sem estipular detalhes que cabe a Funcap realizar a gestão da lei, a própria lei não esclarece sua execução real, são leis retóricas.

Acerca dos mestres e mestras da cultura popular laranjeirense preciso detalhar que conheci, ainda em 2019, o ceramista Gilson dos Santos, popularmente conhecido como mestre Gilson, sempre presente na casa do artesanato local e nas aulas de cerâmica que temos em técnicas e processos artísticos, disciplina de Museologia em Laranjeiras. Também me peguei tantas vezes de olhos vidrados em Nadir da Mussuca. Nos palcos Nadir é quem manda! Mestreira do samba de Pareia, Nadir é a única mulher, atualmente, que participa do cortejo do São Gonçalo, da Mussuca.

Também pude ver a coroação das Taieiras com Barbara dos Santos, responsável pela Irmandade de Santa Barbara Virgem. Gilda Matias, a Dona Gilda, acompanha o Mestre Gilson na casa de artesanato e é representante da Renda Irlandesa, patrimônio sergipano. A renda, cuja prática hoje é rara, possui bordados multicoloridos de formas sinuosas e é aplicável desde brincos à casacos. A renda irlandesa é Patrimônio Cultural do Brasil desde 2009 e Dona Gilda é responsável pela salvaguarda desse patrimônio em Laranjeiras.

Preservo, das minhas experiências, o brilho nos olhos presente nas mestras e mestres em manifestar sua arte e fazer cultural, em suas músicas e danças. Conheci fragmentos de suas vidas, conheci suas casa e vi a vida simples, a humildade em me receber, mesmo desconhecido, para entrar e tomar um café.

Arantes (1998, pp. 53 - 54) defende que “O traço que melhor define [a arte do povo] é que, nela, o artista não se distingue da massa consumidora.” Não há o distanciamento da fama, do status, ou do glamour. Até porque, esses artistas do povo, mestres de cultura popular, atuam para o povo, seguem uma ideia, pontuada por Arantes, de ciência de seus papéis sociais perante a população, entendendo a cultura como processo de preservação e transformação.

Fazem por amor a sua tradição, anseiam por mais e futuros mestres lhes procedendo e encaram ainda assim, o afastamento da juventude, do olhar social de que essas práticas são também trabalho, modo de vida e sustento, manifestação criativa e sustentação para casa.

No documentário de Dumas (2016), Nadir comenta sobre como a juventude não se interessar mais nas “coisas de cultura”. Isso é reflexo das políticas públicas culturais vigentes no estado ou das suas ausências.

Políticas públicas são ações governamentais em favor da saúde, educação, segurança, habitação, cultura. Canedo (2007) chama atenção no sentido de que “Essas políticas devem ser

elaboradas pensando em garantir à população o direito ao acesso e fruição dos bens culturais por meio de serviços públicos” e reforça que “políticas culturais devem estimular o debate e o conflito de ideias, a troca de experiências, os comportamentos e sociabilidades”.

O patrimônio cultural, imaterial, vivo e dinâmico de Sergipe é atrelado às práticas de cultura popular presentes nos interiores e são dependente de políticas culturais em quantidade e qualidade necessárias para sua preservação. As mestras e mestres de cultura popular de Sergipe, assim como os espaços culturais, são carentes de mais ação afirmativa do estado. Aponto isso, através de minha experiência local nesses cinco anos, e por meio da grande carência de investimentos e ações das leis culturais no Estado.

Em entrevista ao editorial “Mangue Jornalismo” em dezembro de 2023, três professores do CampusLar comentam sobre a amarga 3ª pior posição no investimento em Cultura no Brasil (SIIC/IBGE) e como isso reflete nos museus do estado. Segundo Ana Karina Rocha (2023):

É importante que os líderes políticos compreendam a importância de um museu ou de um centro cultural, de uma biblioteca, de um arquivo, para salvaguardar a memória daquela comunidade, porque a memória é esse elemento que nos ensina, através do passado e projeta mudanças para o futuro. (Rocha, 2023).

A professora Neila Maciel (2023) corrobora:

Muitas pessoas talentosas acabam saindo do estado. Muitas produções param de ser realizadas. Os jovens se sentem desestimulados, consequentemente não há uma movimentação no mercado cultural. Os museus são reflexo dessa falta de investimento na estrutura, no fomento e na circulação dessas produções. (Maciel, 2023).

Em âmbito nacional o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)²⁸, através da plataforma MuseusBr contabiliza 19 museus cadastrados em Sergipe²⁹, menos de 1/3 da quantidade de

²⁸ <https://www.gov.br/museus/pt-br>. Acessado em 02 de outubro de 2024.

²⁹ Museu de Física Experimental/Aracaju; O Museu Aberto da Tartaruga Marinha - Fundação Projeto Tamar/Aracaju; Casa de Folclore Zé Candunga/Laranjeiras; Museu da Gente Sergipana "Governador Marcelo Deda"/Aracaju; Museu Afro-brasileiro de Sergipe/Laranjeiras; Museu do Homem Sergipano/ Aracaju; Herbário da Universidade Federal de Sergipe (ASE)/São Cristóvão; Museu Histórico de Sergipe/São Cristóvão; Museu dos Ex-Votos de Sergipe/São Cristóvão; Memorial do Poder Judiciário de Sergipe/ Aracaju; Museu do Cangaço de Frei Paulo/Frei Paulo; Museu de Ate Sacra de São Cristóvão/São Cristóvão; Museu Maestro Francisco Manuel Teixeira/ Aracaju; Memorial de Sergipe/ Aracaju; Centro de Memória da Ciência e da Tecnologia em Sergipe - CMCTS/ Aracaju; Museu Artístico e Histórico de Itabaiana "Antônio Nogueira"/Itabaiana; e Memorial da Advocacia Sergipana/ Aracaju. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/os-museus/museus-do-brasil>. Acessado em 23 de setembro de 2024.

municípios do estado. Destes, 09 se encontram na capital, principalmente na região do centro, longe de pontos periféricos, carentes de políticas culturais e com maior densidade populacional. Os dos interiores se concentram em sua maioria em Laranjeiras e São Cristóvão. Sendo que não consta na Listagem do MuseusBR (plataforma de consulta pública do governo federal sobre museus e espaços culturais) a Casa de Cultura “João Ribeiro” e o Museu de Arte Sacra de Laranjeiras, ambos geridas pela Funcap.

Essa concentração de poucos museus em áreas limitadas coloca somente 47% da população dentro de municípios com museus (IBGE), o que não reflete o acesso a esses espaços. Eles funcionam em horários que impedem o trabalhador (8h - 18h) de visitá-los, a suntuosidade ou a oposta invisibilidade de suas fachadas são outro desincentivo, os palacetes impõe um estigma de uma classe social bem quista em detrimento da população, enquanto outros não tem sequer um material informativo/de divulgação sobre seu funcionamento.

Em Laranjeiras, o Museu Afro de Sergipe, fundado em 1976, se encontra fechado, com problemas estruturais, de equipe, de educação e exposição que antecederam, em anos, seu presente fechamento. O Museu de Arte Sacra atua em prédio provisório, devido a problemas estruturais na sede oficial, um casarão do início do séc. XX com adornos artísticos na fachada, nos interiores, nos forros, nos pisos, completamente abandonado há mais de um ano (moro ao lado).

No prédio provisório atuam o gestor, duas colaboradoras para serviços gerais, dois estagiários da museologia e até a escrita desta obra, um estagiário de nível médio. São 8 salas expositivas com arte sacra variada, além da reserva técnica. Reforço que ainda assim, o museu se empenha em dinamizar seu atendimento: às quartas-feiras a noite o museu abre para visitação enquanto acontece o ensaio do grupo de coral da Igreja do Senhor do Bonfim de Laranjeiras.

Já a Casa de Cultura João Ribeiro que reúne o acervo memorial do escritor/patrono, tem permanecido aberta, convivendo com a precariedade que já “tombou” suas instituições irmãs na cidade.

Os museus são reflexos sensíveis da degradação da política sergipana no decorrer da história, suas ideologias são engessadas e, quando muito, são produtos de venda para turistas. Na minha vivência em Sergipe me senti acolhido visitando somente o Oceanário com o Projeto Tamar em Aracaju, a Casa de Culturas Populares Zé Candunga³⁰ em Laranjeiras e o Museu de

³⁰ O bacharel em Museologia Douglas Santos, em sua pesquisa coloca que “A Casa de Folclore Zé Candonga foi

Arqueologia de Xingó da UFS situado em Canindé de São Francisco.

Entretanto, quase todo espaço cultural em Sergipe tem déficits em acessibilidade, inclusão social, gestão museológica, estrutura física, financeira, falta de equipe, ausência de plano museológico. Tentei, durante diversas pesquisas, não me prender a qualquer preconceito baseado em senso comum, que colocasse a postura do Estado numa situação de descaso com a população, porém o acúmulo de denúncias em diversas mídias chama atenção.

O Sindicato de Músicos de Sergipe (Sindmuse) denunciou à Central Única dos Trabalhadores (CUT) irregularidades no cumprimento da recém instituída Lei Paulo Gustavo alegando falta de transparência, burocracia excessiva e falta de comunicação por parte do governo, através da Funcap. (CUT, 02/2024). O editorial da Manguê Jornalismo, fez uma matéria com alegações semelhantes em denúncia de pareceristas da referida lei, além de serem ignorados itens obrigatórios ao edital por decisão da gestão da Funcap. (Manguê Jornalismo, 03/2024).

Por fim, o Índice de Transparência e Governança Pública, ferramenta que regula a avaliação dos poderes subnacionais brasileiros, colocou em 2023 o governo de Sergipe na amarga colocação de 25º pior (em 27 governos) transparência, tida como ruim com apenas 36.6 pontos. Enquanto a Assembleia Legislativa do Estado ficou em 21º lugar no ranking, também sendo pontuada como ruim, com 32 pontos.

Esses dados confirmam que a gestão do Governo de Sergipe não é confiável, é pautada em interesses egoístas e a população é somente um mecanismo de ganhos financeiros e de mão de obra na manutenção desse sistema elitista e opressor.

Em 2022 foi aprovado o Plano Estadual de Cultura de Sergipe para o decênio de 2023-2033³¹ definido pelo governo de Sergipe:

[. É uma] Ferramenta de planejamento estratégico que define os rumos da política cultural para o período de 2023 a 2033, o Plano Estadual de Cultura de Sergipe vem com a proposta de organizar e nortear a política estadual de cultura, com metas e estratégias, estabelecendo prazos e recursos necessários. À sua implementação. (Governo de Sergipe, 2022).

³¹. Constituída no ano de 2005, através de uma comissão efetivada pela Secretaria Municipal de Cultura de Laranjeiras, com o objetivo de criar um espaço museológico que tratasse da temática do folclore na cidade e dos fazedores das Culturas. (Santos, 2022, p. 14).Disponível em: https://www.se.gov.br/noticias/governo/belivaldo_sanciona_leis_de_fomento_e_preservacao_da_cultura_sergipana#:~:text=Ferramenta%20de%20planejamento%20estrat%C3%A9gico%20que,recursos%20necess%C3%A1rios%20%C3%A0%20sua%20implementa%C3%A7%C3%A3o. Acessado em 12 de setembro de 2024.

Para conferir meu posicionamento desconfiado estruturei, a partir das diretrizes do Plano Estadual de Cultura, como itens internos a serem avaliados na minha convivência diária com Laranjeiras os seguintes tópicos: 1) Liberdade de expressão, criação e fruição; 2) Diversidade cultural; 3) Respeito aos direitos humanos; 4) Direito de todos à arte e à cultura; 5) Direito à informação, à comunicação e a crítica cultural; 6) Direito à memória e as tradições; 7) Responsabilidade socioambiental; 8) Valorização da cultura, de seus agentes e profissionais, como vetor de desenvolvimento sustentável; 9) Democratização das instâncias de formulação das políticas culturais; 10) Responsabilidade dos agentes públicos pela implementação das políticas culturais; 11) Colaboração entre agentes públicos e privados para o desenvolvimento da economia da cultura; e 12) Estado Laico.

Assim fui, aos poucos e em todas as oportunidades surgidas, anotando no meu caderno de campo com a comunidade universitária de Laranjeiras percebia os planos de cultura do município e como avaliavam as ações culturais da universidade nas ações de extensão. Em muitos momentos, é preciso destacar, as ações do Governo do Estado com a cultura, ou a ausência delas, foi sentida.

Dessa forma, avaliando meus apontamentos, destaco que é notável que Reitoria da UFS não pode ser negligente com esse sistema e que o CampusLar também não pode se omitir em relação a essa conduta estadual, ou ausência dela. Dos políticos atuais do estado o Campus e os discentes e docentes contam com a atuação da deputada Linda Brasil para enfrentamentos e compartilhamento de projetos, reivindicações e denúncias. Isso aponta que precisamos de mais apoio político.

Todos percebem que no tempo estamos nos aproximamos de um momento em que vão ocorrer novas eleições para prefeituras e também para a Reitoria da UFS. Acredito que esse seja um bom momento para a população atuar diretamente na política e agir em benefício da sociedade não elegendo líderes conservadores, corruptos, com pautas excludentes e preconceituosas. O mesmo serve para a universidade.

Do ponto de vista Federal, a nova ação do Governo Lula (2023) por meio da criação de um Escritório do Ministério da Cultura (MinC) em Sergipe, sob a coordenação de Thiane Araújo, é avaliada como positiva. Em entrevista ao editorial Manguê Jornalismo³², em outubro

³² Thiane Araújo iniciou sua militância no movimento de esquerda em 2010 no Partido dos Trabalhadores e veio,

de 2023, a nova coordenadora, que é filha de artista laranjeirense, diz que teve seus primeiros contatos com movimentos sociais e culturais segurando na barra da calça do pai por onde andava.

Tantos os discentes como os docentes do CampusLar acreditam que a abertura e atuação do MinC em Sergipe é um novo suporte para a execução ética das políticas públicas legisladas no estado. Na escala Municipal, olhar para Laranjeiras, suas pessoas, movimentos e tudo que a permeia, é inevitável. O município é considerado o berço da cultura sergipana não pode ter sua cultura desvalorizada pelo escritório local do MinC, mas por enquanto o que temos é promessa e os mestres e mestras da cidade estão cientes disso. Infelizmente, no que se refere ao Estado, temos descaso e, com a prefeitura, no palavreado local: “é pouco caso”.

No que tange aos bens móveis e edificados, ressalto que o tombamento na cidade foi criado sem consulta pública, de maneira arbitrária, gerando um travamento no desenvolvimento da vida das pessoas na cidade e priorizando apenas a arquitetura colonial. Segundo documento do IPHAN, o tombamento do conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico da cidade de Laranjeiras, datado de 18 de Junho de 1996, preserva uma área poligonal, com edificações do século XVIII e XIX comerciais, residenciais e religiosas.

Por outro lado, a Portaria nº 15/2019 que trata da acessibilidade, bem como a forma de patrimonialização executada em 1996 entre prefeitura e IPHAN, época em que os recursos digitais não eram comuns, considerou que:

[...] os valores históricos, arquitetônicos e paisagísticos reconhecidos no conjunto tombado de Laranjeiras enquanto testemunho representativo da ocupação da costa do Nordeste, durante a expansão da cultura da cana de açúcar nos séculos XVIII e XIX, exprimindo a sociedade, a cultura e a tecnologia de uma época. (IPHAN, 2019).

Percebemos que, embora seja de 2019, a referida Portaria mantém os padrões patrimoniais arquitetônicos e continua a invisibilizar a comunidade. Para modificar esse cenário, o próximo marco de preservação patrimonial veio com a Lei nº 909/2009, instituindo o registro dos “Mestres dos Mestres da cultura”, predecessora da Lei estadual. Ela faz saber

Desde então, atuando como ativista e desenvolvendo trabalhos na produção cultural. Assim, conduziu o bloco afro religioso Afoxé de Odé e, junto a essa missão do MinC, também atua na Secretaria de Cultura do Partido dos Trabalhadores. (Mangue Jornalismo, 10/2023). Disponível em: <https://manguejornalismo.org/o-cenario-e-bem-triste-e-desafiador-foam-anos-sombrios-mas-sergipe-e-resistencia-thiane-araujo-assessora-do-ministerio-da-cultura-em-sergipe/>. Acessado em 10 de setembro de 2024.

que:

[São] Mestres dos Mestres as pessoas naturais. Os grupos e as coletividades dotados de conhecimentos e técnicas de atividades culturais cuja produção, preservação e transmissão sejam consideradas. Pelos órgãos indicados nesta Lei, representativas de elevado grau de maestria, construindo importante referencial da Cultura Laranjeirense. (Lei estadual nº 909/2009).

A titulação promove a diplomação solene da pessoa ou grupo eleito, o direito à preferência na tramitação de projetos culturais relativos às suas áreas, no município e o auxílio financeiro a quem comprovar situação de carência, sendo este personalíssimo, inalienável e findado com o falecimento do titular.

Assim, cabe ao Conselho Municipal de Cultura, fazer a gestão e manutenção da Lei, cumprindo o edital anual de indicação e subsidiando adequadamente as necessidades financeiras e de suporte para a execução de projetos culturais.

No entanto, a gestão municipal (2020 - 2024) atua, segundo o que pude levantar na própria comunidade laranjeirense, somente nos momentos necessários, como no Encontro Cultural, no festejo do Lambe Sujo x Caboclinhos e na Micareme³³ com alto direcionamento de atenção política eleitoreira e populista, sem a devida valorização dos profissionais locais. Mas fornecendo banheiros, palcos e sistemas de som, dando espaço aos artistas, afinal o ganho não é mútuo, a gestão municipal lucra muito com a cultura da cidade.

Por fim, acerca da parceria entre CampusLar e Prefeitura, ela é recente, nasceu após a pandemia e me orgulho de fazer parte da comissão formada. Apesar de sofrermos com o cenário desmotivante em Sergipe, conseguimos implementar alguns projetos, ingressar em conselhos de educação e de cultura com representantes da Universidade.

Ainda assim, as ações são poucas e limitadas até o momento. No que tange a materialidade, a cidade não executa a conservação adequada dos seus bens edificados, a parceria entre os poderes federais (IPHAN e UFS), estaduais (Funcap) e a prefeitura municipal é deficitária e despreocupada. Como exemplo recente cito a queda de parte do telhado da Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Homens Pardos, do Mercado Municipal e do Centro de Tradições da cidade. Todos sem ação de reparação até o momento de defesa desse trabalho.

³³ A bacharel em Museologia, Hildênia Santos de Oliveira, define: “A Micarême é uma festa urbana que ocorre em Laranjeiras desde 1930, com recursos da comunidade local visando à diversão e a manutenção das tradições locais.” (Oliveira, 2014, p. 14).

O esquecimento do patrimônio natural com suas variadas grutas, cursos de água e o Rio Cotinguiba que proporcionou a vida aqui, é latente e esse patrimônio não é mencionado em nenhuma instância, sendo a população, em poucos momentos atuante com esse patrimônio, como durante a procissão naval de Bom Jesus dos Navegantes, em que Tototós (embarcações típicas de Sergipe) se juntam no Rio Cotinguiba para que a população acompanhe o cortejo e nas parcerias em projetos de extensão com o CampusLar (como o já citado “Para Além dos Muros” em 2022/2024) e o projeto Esse Rio é Minha Rua (2019), resgatando as memórias dos visitantes sobre a vivência com o Rio Cotinguiba, promovendo um painel com as memórias escritas.

As leis do patrimônio imaterial e vivo não são executadas devidamente, tão pouco fiscalizadas, mantidas e ou atualizadas. A consciência patrimonial presente no campus de Laranjeiras, é também existente nos moradores da cidade pois é fácil ouvir reclamações sobre a insuficiência para promover o patrimônio cultural Laranjeirense.

Portanto, indago quais ações tais órgãos podem assumir para garantir o fortalecimento da cultura local e por consequência das pessoas da cidade e da comunidade universitária? Reforço o tanto que batalhamos para manter o mínimo, sendo que havendo movimento, fluxo de pessoas e manifestações culturais atuantes, edificações bem utilizadas e funcionalidade urbana, as pessoas se sentem mais seguras a expressar suas criatividade e potencializar cada dia mais as manifestações da cidade. O incentivo à vivência dos estudantes aqui, assim como os demais conhecedores da cidade, está em desenvolvimento, mas pode melhorar com mais apoio da Reitoria.

3. Somos coletivo

Apesar de você.
Amanhã há de ser outro dia
Eu pergunto a você onde vai se esconder
Da enorme euforia.
Como vai proibir.
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando sem parar
quando chegar o momento, esse meu sofrimento
Vou cobrar com juro, juro.
Todo esse amor reprimido, esse grito contido
Este samba no escuro.
Você que inventou a tristeza
Ora, tenha a fineza de desinvestir.
Você vai pagar e é dobrado
Cada lágrima rolada nesse meu penar
Apesar de você.
Amanhã há de ser outro dia
Chico Buarque

Laranjeiras foi palco de muita cinematografia. Foi cenário para a série da Rede Globo Tereza Batista Cansada de Guerra em 1992, recebeu Regina Casé durante as gravações do programa Brasil Legal em 1997 e foi palco do filme A Orquestra dos Meninos em 2008, se fez presente em diversas matérias de jornais, em diversos documentários sobre suas manifestações culturais, seu cotidiano e seus mestres.

Diversos são os momentos em que me pego me sentindo em uma novela. Ainda mantemos aqui o hábito de cumprimentar as pessoas pela rua, os mais idosos sempre puxam uma conversa, gostam dos estudantes, estamos sempre sendo observados pela população e também observamos. Sentimos os dramas das dificuldades relatadas pelo texto, festejamos e passamos, enquanto estudantes, cerca de 10 meses anuais, tempo semelhante a várias novelas e, como na arte, vivemos desfechos.

Para estudar tais comportamentos percebidos no dia a dia, tive que traçar contextos históricos, revisar leis, assistir aos documentários, manter em certos momentos algumas

distâncias. A pesquisa antropológica de campo envolve quantificar, tratar esses vários prismas e sinto que pode não haver uma rigidez prevista no método.

O estudo de campo de Brandão, explica um pouco sobre essas possibilidades de pesquisa em antropologia:

[...] na psicologia tem muitos manuais de entrevista psicológica. Na antropologia é mais raro. A observação, o ver, o anotar, a entrevista, a pesquisa sistemática, o momento participante, vai muito da pessoa. O que eu acho que educa e ajuda a gente é cada um descobrir o seu estilo, ou seja, ainda que a proposta seja coletiva e ainda que a abordagem teórica seja uma, assumida por todos, a prática concreta da pesquisa é uma coisa que vai pela relação pessoal e aí cada um tem que descobrir seu estilo. (BRANDÃO, 2007, p. 26).

Por diversas vezes, na precariedade de acesso a tantas informações, ou pelo peso da rotina diária que nos afasta desses embates, me angustiava tentar entender por que nos sentimos tão abandonados em Laranjeiras.

Brandão (2007) ensina sobre essa dimensão das possibilidades, da garimpagem variada de fontes de apoio à pesquisa e sugere que façamos o trabalho antropológico com muita observação, fazendo entrevistas, visitas de campo, vivenciando a comunidade e/ou grupos sociais com todas as suas dimensões simbólicas e seus modos de fazer e ser.

Todos esses dados subsidiam sua análise e seu posterior resultado de pesquisa. Ele endossa uma pesquisa profunda e variada no trato das comunidades. Dito isso, consigo só agora dimensionar, um pouco, os fatores que possibilitaram a Laranjeiras se tornar o polo cultural, museu a céu aberto que é hoje, bem como perceber com mais clareza as intervenções sofridas e a forma como diversos atores governamentais interferiram em seu desenvolvimento, inclusive com a criação de um campus na cidade.

Enquanto Política Pública Cultural, a instalação de uma Universidade, como Campus das Artes em Laranjeiras, é fomento ao desenvolvimento local e regional. Outros campus foram instituídos em cidades históricas e/ou interioranas. Entre eles sinalizo a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

O caso da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) envolve uma instituição bem mais antiga que o CampusLar. Ela foi criada no dia 21 de agosto de 1969, tendo a Escola de Farmácia (1839) e a Escola de Minas (1867) como predecessoras. No decorrer dos anos foram sendo fundados cursos de Direito, Ciências Biológicas, Nutrição e, a partir do investimento do REUNI, cursos como Educação Física, Engenharia Elétrica e Museologia. São atualmente 51

cursos de graduação³⁴. No município de Ouro Preto o aporte do REUNI chegou para promulgar um polo já existente. Ainda que em uma cidade histórica, seus cursos vão além do universo regional e o volume de estudantes é muito superior ao de Laranjeiras. A cidade mineira tem 74 mil moradores e cerca de 11 mil estudantes nos cursos presenciais (IBGE).

O patrimônio material em Ouro Preto é o cartão de visitas. Durante duas visitas na cidade notei como o centro histórico não comporta todo esse volume de estudantes, além de moradores e como a cidade se espalhou em conjuntos nitidamente recentes. O centro histórico força a manutenção de uma calma interiorana, entretanto o fluxo turístico e estudantil, tomam a cidade.

É complexo analisar um quadro comparativo dos cenários UFOP - UFS em Laranjeiras, pois nosso volume de cursos é inferior, o suporte de moradia em Laranjeiras é escasso, a cidade não cresceu com a Universidade ou com as indústrias em volume comparável com Ouro Preto e enquanto no cenário da Museologia, a cidade conta com mais de 10 museus, possibilitando mais espaços para estudantes e profissionais de museus do que Laranjeiras, ainda tendo o foco no patrimônio material, cristão e colonial, hoje, tão deixado de lado nos poucos remanescentes monumentais da cidade.

No caso da Universidade Federal do Recôncavo Baiano o cenário envolve um agrupamento de cidades que, de acordo com o IBGE, somam cerca de 600 mil pessoas. O Campus em similitude com Laranjeiras é já dos anos 2000, precisamente 2005, e o portal da Universidade assegura que a fundação do polo é “Fruto de mobilizações em busca da democratização do ensino superior na Bahia”³⁵. Assim, a UFRB conta com mais de 12 mil estudantes, tendo o Curso de Museologia lá sido iniciado em 2006.

O cenário em Sergipe tem sua particularidade: uma situação demográfica bem inferior e, portanto, com menos pessoas envolvidas na economia cultural e nos espaços culturais. O tempo de instituição afeta o volume de cursos e alunos na universidade, mas não é um parâmetro factual, já que no caso do Recôncavo, apesar de recente, a Universidade é volumosa e presente. Somos um braço de uma universidade matriz e pouco nos expandimos nesse tempo, ao contrário, definhamos. Nosso volume estudantil não chega a 500 alunos, pouco incrementamos na econômica local e atualmente nem dispomos de residências universitárias na cidade, assim,

³⁴ Disponível em: <https://ufop.br/historia-da-ufop>. Acessado em 12 de setembro de 2024.

³⁵ Disponível em: <https://ufrb.edu.br/portal/apresentacao>. Acessado em 15 de setembro de 2024.

são diversos os impactos que sentimos e, de forma distinta, aos outros polos interioranos e/ou históricos.

O CampusLar tem um alinhamento ideológico em prol da cultura popular local, como tenho discutido. Entretanto, sabemos que lidar com popularização da cultura é mexer com interesses de grupos hegemônicos que não aceitam mais vozes, mais espaços, aumentar nossos cursos e presença estudantil em Laranjeiras.

A elite estadual não quer esse potencial totalmente a florado porque é um destaque que não condiz com seu conservadorismo. A cidade desafia e se impõe enquanto cidade quilombola, valorizada por sua ancestralidade, presente nos Terreiros, Casas de Santo, Irmandades, nos encontros de cultura, exportada, reconhecida e imortalizada.

Temos ícones da educação e cultura que são pessoas pretas eternizadas nos principais monumentos do tipo da cidade, como, por exemplo, através do busto dedicado à memória de Eufrosina Ribeiro Guimarães:



Busto de Zizinha Guimarães
Fotografia: João Victor Ciccone.
Acervo do autor

Mais conhecida como Zizinha Guimarães a professora nasceu em 1872, ainda período

monárquico e escravagista, pouco se sabe sobre sua infância e adolescência, estudou no Colégio Inglês em Laranjeiras, seguindo com a educação como seu ofício de vida.

Em 1904 inaugura sua escola na cidade, sendo até a década de 1940 uma das mais referenciadas professoras da época. Lecionava português, teatro, música, entre outras práticas educacionais como passeios de campo. A pesquisadora. Também foi aprendiz do musicista Laranjeirense Manoel Bahiense, sendo sua substituta como organista da cidade, compositora e tem suas músicas entoadas no órgão de tubos da Matriz da cidade até hoje.

Também perdura até o presente a idolatria que seus alunos, hoje já idosos, tem pela professora, que é imortalizada pelo busto e por ser patrona da escola estadual de maior porte da cidade. Infelizmente, somente um estudo profundo foi realizado sobre a professora, de responsabilidade de Lívia Borges Santana, em 2011. Eufrosina falece em 1964, sem herdeiros ou parentes próximos e teve seus bens distribuído entre pessoas e espaços da cidade. Lamentavelmente, na cidade o comentário que corre entre muitos grupos é de que durante a revitalização da escola estadual que leva o seu nome, parte do que ainda existia de documentos sobre ela foi jogado e/ou furtado.

Parte do papel da universidade em Laranjeiras é preservar e pesquisar sobre a história, memória e produção desses mestres da cidade. Estamos nos especializando para atuar com o patrimônio humano e suas manifestações culturais, expressões orais, artes, práticas sociais e rituais, eventos, práticas, representações e saberes que precisam ser preservados, até pelo seu caráter mutável e dinâmico. A valorização desse patrimônio é necessária pois de acordo com Brandão:

Esse Patrimônio cultural imaterial é constantemente recriado pelas comunidades em função de seu meio e de sua história e sua busca de um sentimento de continuidade e de identidade, contribuindo assim a promover a diversidade cultura e a criatividade humana. (BRANDÃO, 2019, p. 131).

Semelhante ao que acontece com Zizinha Guimarães, a estátua do João Sapateiro³⁶ nos rememora o ilustre poeta riachuelense que fez de Laranjeiras sua musa inspiradora. João Sapateiro era um escritor e poeta de Sergipe e mantinha vínculos com instituições e pessoas nacional e internacionalmente, muito conhecido que era. Durante a visita de Regina Casé, João

³⁶ O nome de João Sapateiro é João Silva Franco, mas fiz a opção de manter no texto a forma coloquial que ele é, carinhosamente, reconhecido na cidade. Sua biografia consta no livro “Mensagens”, organizado em 2009 pela Prefeitura Municipal de Laranjeiras.

sapateiro teve um momento solene nas filmagens, rendendo uma boa prosa com a entrevistadora, como ele dizia gostar. Ele, que consertava sapatos e proseava muito, foi apaixonado por biografias, colecionador de selos e moedas e manteve, por meio do seu no ofício vitalício de sapateiro, a inclusão da cultura e da poesia na vida.



Estátua de João Sapateiro
Fotografia: João Victor Ciccone
Acervo do autor

Faleceu em 2009, pouco tempo depois de uma enchente em que as águas levaram sua oficina. A persistência de seus filhos ancora a preservação da memória e das palavras do ilustre poeta durante os anos. Reconhecidamente a cidade de Laranjeiras comemora o Dia de João Sapateiro em 20 de junho, mas é preciso celebrar os artífices em vida.

Precisamos cumprir com a tarefa de preservar e fomentar a cultura popular, o patrimônio imaterial, vivo, humano, pois apesar da memória física das estátuas com seus indivíduos, muito da história e produção de tantos artífices se perde no fio do tempo e da pouca ação de preservação.

A ruptura de tantas dogmas em tantos momentos históricos, levam Laranjeiras a se

manter sempre próxima da contemporaneidade, ainda que sua tradicionalidade e apego à memória cultural costure em sua identidade uma forma peculiar de expressão com o mundo. Como firmemente dona Lourdes ao explicar o Nagô para Regina Casé diz: “Aqui é diferente de tudo, por tudo! [...] Por que é!” (Programa Brasil Legal, 1997).

E assim é Laranjeiras, ela é assim, diferente de tudo por tudo e gera tamanha identificação com as pluralidades. A cidade não vai e nem deve querer se encaixar nos moldes colonizadores, a cidade não pode ficar a mercê da gestão pública estadual. As vozes de Laranjeiras são um coro de todos os tons, do baixo à soprano, e o canto dessas pessoas não pode ser silenciado.

Enquanto comunidade universitária do CampusLar, cabe a nós fortalecermos o vínculo com a prefeitura, usufruirmos do novo espaço de diálogo que é o escritório regional do Ministério da Cultura, articularmos com nossos contatos e parceiros em outras esferas organizacionais. Os museus de Laranjeiras carecem de presença.

A Casa de Cultura Popular “Zé Candunga” vem realizando exposições temporárias temáticas, vinculadas todo mês a algum momento cultural da cidade. É dever da comunidade universitária prestigiar, eu imagino. Fazer do CampusLar alojamento para participar das épocas festivas integralmente, cobrando em conjunto a ação da UFS para a reconstituição da residência universitária na cidade, afinal, morando aqui pode-se mergulhar mais profundamente nas nuances da rotina local.

É preciso fortalecer os projetos de extensão já realizados, consolidá-los como programas fixos de extensão. Enquanto museólogas/os, arqueólogas/os e arquitetas/os é nosso dever cobrar maior participação do CampusLar não só trabalhando nos espaços culturais de maneira regulamentada e garantida, mas de tantas outras formas que o nosso desejo deseje. Ter aparatos técnicos, financeiros, equipe capacitada para a conservação, divulgação, ação educativa e diálogo social dos espaços culturais com a comunidade é dever da universidade que se insere numa comunidade.

No interior profundo das culturas populares existem modalidades de uma verdadeira ‘educação extraescolar’, cujo valor apenas agora começamos a entrever. Tal como acontece com os povos indígenas, cantando e dançando, observando como-se-faz-e-fazendo, jogando e trabalhando ao lado dos ‘mais velhos’, os ‘mais jovens’ convivem com aprendizados simples e complexos que vão dos segredos do plantio do milho até os de uma Folia de Santos Reis. (Brandão, 2019, p. 142).

Enquanto cidadãos, devemos aproveitar o retorno de um governo democrático e reivindicar políticas culturais mais abrangentes, cumprimento de leis e diretrizes criadas justamente por esses órgãos. Tendo consciência ao eleger nossos prefeitos, deputados e governadores, mantendo diálogo aberto com os políticos e cobrando deles ações afirmativas em prol ao desenvolvimento da cultura Sergipe. Em reforço, Canedo (2015) disserta que:

A democracia cultural ou participativa defende a existência de múltiplas culturas em uma mesma sociedade, propicia o seu desenvolvimento autônomo e relações igualitárias de participação a cada indivíduo em cada cultura, respeitando a cultura dos demais. Para tal, é preciso, primeiro, dar maior atenção aos órgãos responsáveis pela administração pública da cultura. (Canedo, 2015, p. 03).

Investimentos em políticas públicas de Estado, consolidadas pela lei e aplicadas verdadeiramente são essenciais, pois:

A falta de investimento em políticas culturais não repercute, apenas, em perdas econômicas, mas também viola o direito coletivo de acesso ao conhecimento e à memória, fere sentimentos de identidade, mina nossa capacidade de desenvolvimento social e sustentável e prejudica a qualidade de vida da população de forma global. (Cultura em Evidência, 2024, s/p.).

Aqui acho que preciso estudar mais de Políticas Públicas Culturais para crescer meu argumento com mais embasamento. Seguirei com essa tarefa. Enquanto indivíduo, cumpro meu dever de contribuir com a cultura local, divulgando, pesquisando, defendendo a cidade e me envolvendo tanto com a esfera acadêmica quanto na social. Defendo a valorização das pessoas e das coisas da cidade, atuo e cobro em cada instância que consigo participar, enquanto estudante e munícipe. Acredito que cada ação, em macro ou microescala, gera um efeito sobre a sociedade.

A terra de João Mulungu³⁷, de Umbelina Araujo³⁸, de Dona Lalinha³⁹ continua viva e pulsante sob as tamancas de Nadir da Mussuca. Cada estudante que passa pela cidade através da UFS, cada profissional que se envolve aqui é inerentemente envolvido na cultura local, em

³⁷. Negro fugitivo da escravização, narrado pela história oral como bravo, arredio, hoje o nome inspira os movimentos de resistência na capital, Aracaju, infelizmente em Laranjeiras cada dia mais seu nome desaparece.

³⁸ Loxa do Nagô que resgatou as tradições da casa Ti Herculano, e manteve o culto vivo e atuante através da Irmandade de Santa Barbara Virgem, até a década de 1970, passando o comando para Lourdes e posteriormente Barbara Cristina.

³⁹ Figura chefe no reisado em Laranjeiras na transição do sec. XX para XXI. Após seu falecimento, o grupo enfraqueceu sendo, apenas no ano de 2023, restabelecido durante o encontro cultural daquele ano.

fração ou por um todo, ninguém age indiferente perante Laranjeiras. Isso eu nunca vi!

Valorizemos, referenciemos, cumpramos nosso papel social perante o lugar que nos acolhe e que proporciona tantos aprendizados em nossas áreas de atuação, mas acima disso, aprendizado sobre como viver o Brasil, sentir cada “perrengue” que é ser brasileiro e cada alegria proporcionada por nossa diversidade cultural. Em coletivo vamos mais longe. Abaixo, destaco nas imagens momentos de confraternização e aprendizado, gerados entre o CampusLar, seus estudantes e a pluralidade cultural de Laranjeiras.

A 1ª edição do Projeto “Além dos Muros”, contou com a participação de 46 alunas e alunos conhecendo o patrimônio ancestral da cidade, já na segunda edição (2024) foram mais de 60 estudantes. São demonstrações da união entre os cursos e a importância dada à Laranjeiras.



Gruta da Pedra Furada
1ª edição do Projeto Além dos Muros/2022
Fotografia do acervo pessoal do autor

Em 2023 realizei, com o Centro Acadêmico de Museologia, a recepção estudantil em conjunto com o mês do orgulho LGBTQIAPN+, promovendo diversidade, pluralidade de vozes nas conversas do evento, representatividade para nós, da comunidade. O Cine Laranjeiras, evento de recepção estudantil em 2024 que contou com a participação de cerca de 80 pessoas no auditório do CampusLar para conhecer a cinematografia de Laranjeiras, também é destaque em público e entusiasmo.



Recepção estudantil ano de 2023
Fotografia do acervo pessoal do autor

Afetivamente, opto por encerrar o capítulo com uma imagem do festejo “Lambe Sujo x Caboclinhos”, a mais apoteótica manifestação cultural de Laranjeiras onde milhares de pessoas, em sua maioria pintadas de cabaú e com os paramentos típicos, em frenesi pelas ruas cantando por horas “branco não vem cá, se vier pau há de levar” e/ou “Oia a nêga cum brinco na urêa. Essa nega tá danada. Tá cum brinco na urêa”, entre batalhas e batuques.



Lambe sujo x Caboclinhos, ano de 2023
Fotografia do acervo pessoal do autor

Com isso, espero ter conseguido despertar nos meus leitores o interesse pela cultura

Laranjeirense, promovendo aqui algumas manifestações e artífices e deixando tantos outros para novos pesquisadores se deliciarem com essa empreitada. Que seja também, este trabalho, lembrete da constante necessidade de cobrança de melhores condições de atuação de agentes culturais nos diversos fazeres culturais. Espero, assim, trazer mais visibilidade para a cidade e sua cultura.

Considerações Finais

Resido em Laranjeiras há cinco anos, logo me tornei consciente de que o município era um lugar especial. Em cinco anos eu poderia ter passado meu tempo usando o local, morando despretensiosamente e sempre que possível indo à capital para o lazer “comum” do tempo presente. Porém, acredito que minha maior ousadia sempre foi bater o pé e reforçar a todas, todos e todes que aqui é diferente. É especial, é histórico e vanguardista. É um lugar de artistas, que, leva a sério seu compromisso cultural, leva a sério o valor da terra, que leva a sério os problemas sociais que presencia.

Nadir já bradou em palco local, mas também na internet⁴⁰ que o baixo pagamento que a prefeitura faz aos artistas locais é uma ação indigna. Ela não precisou de um diploma universitário para tanto conhecimento.

Aqui, como em muitos municípios do Brasil, o poder corrupto pode até se criar, mas não vai fazer o que bem entender sem cobranças, sem denúncias, sem a presença das pessoas para cobrar a melhoria. Sofremos aqui, cercados de indústrias⁴¹, poucas e danosas indústrias que prendem tantos munícipes com a míngua de empregos que oferecem. Vejo como uma relação de baixos salários e alto dano ambiental.

Assim, esse trabalho de conclusão de curso que tem como plano de fundo minha relação com cidade por meio da universidade e objetivou registrar uma cobrança de um cidadão daqui que percebe o município e suas complexidades desse jeito que foi exposto.

Tudo começou com a apresentação desses universos: o Estado de Sergipe; a Universidade Federal de Sergipe; o Campus em Laranjeiras; a cidade histórica, conhecida por sua cultura popular, e que cresce e se parte com essas convivências. Com isso, passo a questionar sobre a qualidade da vida e do aporte para a produção cultural, que é protagonista no que Laranjeiras tem construído como sua característica principal/identidade: capital da cultura popular.

Na sequência, questiono o papel dos órgãos governamentais, na esfera federal, estadual

⁴⁰ Disponível em: <https://youtu.be/RPdMw9E6lzg?si=wDQFpRQ7Xm52WMOB>. Acessado em 03 de outubro de 2024.

⁴¹ Votorantim Cimentos - Unidade Laranjeiras, White Martins Gases Ind do Nordeste, Usina São José do Pinheiro e a Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados de Sergipe.

e municipal, pesquiso as relações históricas que permeiam as diversas narrativas culturais e de que forma as políticas culturais abrangem Laranjeiras. Por fim, reforço a participação do CampusLar e da comunidade universitária nessas movimentações e manifestações de cultura na cidade e o papel que exercemos em conjunto com a comunidade local. É prazeroso, ao fim da leitura do texto, rever uma trajetória de cinco anos, valorizar tudo que tem sido construído e quantas batalhas já foram vencidas.

Acredito que o que CampusLar tem crescido na ação conjunta com os moradores de Laranjeiras, criando, ressignificando, sobrevivendo, contornando, prosperando, cantando e dançando, trabalhando em turnos e se apresentando, estudando, sambando, limpando a casa e ainda tendo que lidar com o desserviço da gestão pública, por favor, nos respeitem.

Por fim, agradeço aos Laranjeirenses por todo o espaço e acolhida, enquanto representante da cidade na universidade e deixo aqui, minha contribuição acadêmica, como prova de um compromisso, mais um firmamento de um vínculo eterno entre minha vida e a cidade.

Referências bibliográficas

ARANTES, Antônio Augusto. O que é cultura popular. 14ª Ed. São Paulo. Editora brasiliense, 1998.

BAUMGATNER, Wendel Henrique. Universidades públicas como agentes de desenvolvimento urbano e regional de cidades médias e pequenas: uma discussão teórica, metodológica e empírica. Geo Textos, vol. 11, n. 1, julho 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 10, n. 1, 2007. DOI: 10.5216/sec.v10i1.1719. Acesso em: 07/08/2024. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1719>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Do polegar ao pensamento, escritos de antropologia para educadores. Edição: Viver e Aprender. 2019. Acesso em 30/09/2024. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/book/do-polegar-ao-pensamento/>

CAMPOS, Carlos Alberto de Paiva. Lei dos Mestres de Laranjeiras: a importância de sua efetivação. Olinda, 2014.

Central Única dos Trabalhadores. Sindmuse denuncia irregularidades no edital da Lei Paulo Gustavo em Sergipe. Matéria ou locada em 29/02/2024. Acesso em 08/09/2024. Disponível em: <https://se.cut.org.br/noticias/sindmuse-denuncia-irregularidades-no-edital-da-lei-paulo-gustavo-em-sergipe-e692/>

Conselho Internacional de Museus (ICOM). Nova definição de Museu. 2022. Acesso em: 12/08/2024. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776

CHAGAS, Mário de Souza. Museologia social: apontamentos históricos e conceituais. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 41, p. 39-58, 2009.

DANTAS, Beatriz Góis Dantas. Vovó Nagô e Papai branco. Usos e abusos da África no Brasil. Editora Graal. 1988.

DESVALÉES, André; MAIRESSE, Francois. Conceitos-Chave de Museologia. Tradução e comentários Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. Editora Armand Colin, 2013.

Diário Oficial da União. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Portaria nº 15 de 21/01/2019.

DUMAS, Alexandra Gouvêa. Nadir da Mussuca. Youtube, 15/05/2016. Acesso em: 20/09/2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eGX3Cx77iw&list=PLUEL3_QRDCx2zT9X_Ft2tsSI_1o3eS7VX&index=11&t=108s

Folha Laranjeirense. Laranjeiras – Sergipe – Programa Brasil Legal, 1997 (Regina Casé). Youtube, 14/10/2016. Acesso em 12/08/2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DcxLO6oHGLA>

GOMES, Roseane Cristina Santos; Santos, Daniele Luciano; Ribeiro, César Augusto França. Cores, cantos e ritos da cultura popular: um olhar fenomenológico sobre o Encontro Cultural

de Laranjeiras/SE. Geosaberes, Fortaleza, v. 6, número especial (1), p. 341 – 352, Outubro. 2015.

Governo de Sergipe. Portal da transparência. Acesso em 21/08/2024. Disponível em: <https://www.transparencia.se.gov.br/>

IBGE. Laranjeiras, portal cidades. Acesso em 20/07/2024. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/laranjeiras/panorama>

Ibram. Instituto Brasileiro de Museus. Acesso em 20/09/2024. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br>

ICL Economia. Sob Bolsonaro, investimento em universidades federais foi o menor em uma década. Matéria publicada em 24/11/2023. Acesso em 12/09/2024. Disponível em: <https://icleconomia.com.br/universidades-federais-menos-recursos-bolsonaro/>

Instituto Mpumalanga. Mussuca: as mulheres do quilombo. Youtube, 1º/08/2017. Acesso em: 12/08/2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=762YFN_NSuE&t=355s

Mangue Jornalismo. Sergipe é o 3º estado nordestino que menos investiu em cultura. O descaso com os Museus é um indicativo da falta de política cultural no estado. Matéria publicada em 12/12/2023. Acesso em 12/09/2024. Disponível em: <https://manguejornalismo.org/sergipe-e-o-3o-estado-nordestino-que-menos-investiu-em-cultura-o-descaso-com-os-museus-e-um-indicativo-da-falta-de-politica-cultural-no-estado/#:~:text=Uma%20pesquisa%20no%20Sistema%20de,de%20somente%200%2C8%25>

NECO, Douglas Santos. Estratégias para o esquecimento: uma análise expográfica no Museu Afro-brasileiro de Sergipe. 2019. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019.

NERY, Juliana; BAETA, Rodrigo. Entre reflexões e práticas: A experiência do Programa Monumenta em Laranjeiras/SE. ENANPARQ. Natal, 2012.

OLIVEIRA, Filadelfo Jonatas. Registros dos fatos históricos de Laranjeiras. Sergipe. Editora UFS. 2006.

PASSOS, Lucas Santos. Tombamentos de templos religiosos em Laranjeiras/SE. São Cristóvão. 2015.

Prefeitura Municipal de Laranjeiras. Site institucional. Acesso em 27/09/2024. Disponível em: <https://laranjeiras.se.gov.br/>

Prefeitura Municipal de Laranjeiras. LEI Nº 1.226, DE 07 DE JUNHO DE 2023. Acesso em 22/09/2024. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/se/l/laranjeiras/lei-ordinaria/2023/123/1226/lei-ordinaria-n-1226-2023-dispoe-sobre-o-sistema-municipal-de-cultura-de-laranjeiras-define-o-mapa-cultural-de-sergipe-como-base-para-o-cadastro-cultural-cria-o-fundo-municipal-da-cultura-e-da-outras-providencias>

Prefeitura Municipal de Laranjeiras. Laranjeiras: sua história, sua cultura, sua gente. SEMEC, Laranjeiras/SE. 2000.

Governo federal. Ministério da educação. Reuni. Lula destaca política de interiorização do ensino superior e profissional. Matéria publicada em novembro de 2023. Acesso em 23/08/2024. Disponível em: <https://reuni.mec.gov.br/noticias/37-noticia-destaque/684-lula-destaca-politica-de-interiorizacao-do-ensino-superior-e-profissional>

ROCHA, Ana Karina Calmon de Oliveira. O curso de museologia da Universidade Federal de Sergipe/UFS em Laranjeiras: trajetórias, especificidades e desafios. Revista Eletrônica do Programa de pós-graduação em museologia e patrimônio – UNIRIO| MAST. Vol.15, nº2, 2022.

SANTANA, Livia Borges. Em busca de Zizinha: vestígios para a musealização da memória sobre Eufrozina Amélia Guimarães (1872-1964). 2011. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia)- Departamento de Museologia, Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2011.

SANTOS, Denisson Cleber de Farias. São Gonçalo da Mussuca em transformação: os impactos causados por festivais culturais em grupos populares. 2022. 237 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Culturas Populares) - Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe, 2022.

SANTOS, Douglas Augusto Lima. Novos cruzos em um rolê epistemológico para experivenciar as encruzilhadas museológicas da Casa de "Culturas Populares" Zé Candunga. 2022. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2022.

TAVARES, Jorge Alberto Vieira. Resistir para existir: a Irmandade de Penitentes de Laranjeiras/SE. Revista FT. Ciências Humanas, Volume 27 - Edição 122/MAI 2023. Acesso em: 22/09/2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/resistir-para-existir-a-irmandade-de-penitentes-de-laranjeiras-se/#:~:text=A%20origem%20e%20significado%20desta,de%20Cristo%20at%C3%A9%20o%20Calv%C3%A1rio>

TV Alese. Isto é Sergipe – Laranjeiras. Youtube, 02/02/2017. Acesso em 12/08/2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZKvGgRGhDEg>

Universidade Federal de Sergipe. Resolução N°48/2006/CONSU. Sergipe. 2006.

Universidade Federal de Sergipe. Resolução N°52/2014/CONSU. Sergipe. 2014.

Universidade Federal de Sergipe. Resolução N°17/2020/CONEPE. Sergipe. 2020.

Universidade Federal de Sergipe. Resolução N°135/2021/CONEPE. Sergipe. 2021.

Anexos

Anexo 1:



Peri e Ceci de Horácio Hora
Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural

Anexo 02:



Obras artísticas produzidas por João Victor Ciccone
Fotografia: Acervo pessoal do autor